Cinearte

— Que tragico momento

quando, no meio da festa, sentiu aquella horrivel dôr de cabeça que o fez cahir num sofá, emquanto todos, angustiosos, o rodeavam!

Graças, porém, a um feliz acaso, um amigo seu trazia no bolso CAFIASPIRINA. Dois comprimidos, um copo d'agua, e . . . dentro de cinco minutos estava outra vez dançando, tão bem disposto e alegre como d'antes!

Desde então, elle leva sempre comsigo, a toda festa ou reunião social que vae, "para o que possa succeder", um tubo da nobre e excellente

CAFIASPIRINA

Ideal contra as dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas, rheumatismo; consequencias das noites passadas em claro, dos excessos alcoolicos, etc.

Não affecta o coração nem os rins.

"CINEARTE"

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

Directores: MARIO BEHRING e A. A. GONZAGA

Director-Gerente: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Assignaturas — Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$. — Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes, 40$.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO. — Rua do Ouvidor, 164. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: Norte, 5.402. Escriptorio: Norte, 5.818. Annuncios: Norte, 6.131. Officinas: Villa, 6.247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

ENDEREÇO DE ARTISTAS

Jackie Coogan, 673 South Oxford Avenue, Los Angeles, California.

Ivor Novello, 11 Aldwych, London, W. C. 2, England.

Harold Lloyd, 6640 Santa Monica Boulevard, Hollywood, California.

Anna May Wong, 241 N. Figueroa Street, Los Angeles, California.

Eileen Percy, 154 Beechwood Drive, Los Angeles, California.

Herbert Rawlinson, 1735 Highland Street, Los Angeles, California.

Betty Blythe, 1361 Laurel Avenue, Hollywood, California.

Estelle Taylor, Barbara Hotel, Los Angeles, California.

Pat O'Malley, 1832 Taft Avenue, Los Angeles, California.

Gordon Griffith, 1523 Western Avenue, Los Angeles, California.

Ruth Roland, 2828 Wilshire Boulevard, Los Angeles, California.

Forrest Stanley, 604 Crescent Drive, Beverly Hills, California.

Não Basta Lêr!

E' preciso lêr com proveito!

Procurae tirar algum proveito das vossas leituras, não vos deixando tentar por essa literatura de cordel, que apenas serve para envenenar o espirito.

As obras que se annunciam nesta pagina foram editadas com o pensamento de offerecer aos leitores novellas moraes, mas com lances de heroismo, com episodios fortes da vida real e da imaginativa, que deleitam grandemente.

Tres Obras de Enrêdo Maravilhoso!

CADA UMA DESTAS OBRAS, EDITADAS EM ARTISTICOS FASCICULOS ILLUSTRADOS, PELA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO", CUSTA 3$000 NO RIO OU PELO CORREIO.

ELLA

"ELLA" é o titulo da mais suggestiva e maravilhosa novella do romancista inglez e que está traduzida em todas as linguas modernas. E' a historia de uma mulher satanica e linda, linda, que viveu muitos seculos á espera do amante que quando afinal chegou, foi por ella mesma assassinado...

ESSES FASCICULOS PODERÃO SER PEDIDOS, COM A REMESSA DE 3$000 PARA CADA LIVRO (6 FASCICULOS), EM DINHEIRO OU EM SELLOS DO CORREIO.

O Poder Mysterioso

Desta assombrosa novella de Hans Dominik, o mais popular romancista teuto, foram vendidos cerca de cem mil exemplares só na Allemanha, em dois mezes! Dizendo-se isto e que as scenas se consideram occorridas no anno de 1955, mais não é preciso accrescentar-se.

Brutos, Homens e Deuses

E' esta a historia do sovietismo feroz que implantou o terror na Russia. Livro formidavel, escripto pelo sociologo polonez Fernando Ossendowski, deve ser lido por todos os patriotas brasileiros.

Escreva hoje mesmo para

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

Rua do Ouvidor, 164
Rio de de Janeiro

ENDEREÇO DE ARTISTAS

Gertrude Astor, 1421 Queen's Way, Hollywood, California.

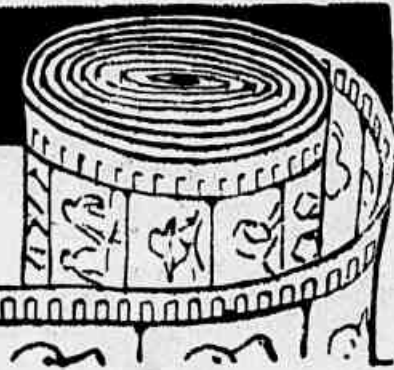
Lloyd Hughes, 616 Taft Building, Hollywood, California.

Virginia Brown Faire, 1212 Gower Street, Hollywood, California.

Johnny Hines, Tec-Art-Studio, 5360 Melrose Avenue, Hollywood, California.

Theodor von Eltz, 1722½ Las Palmas, Hollywood, California.

William S. Hart, 6404 Sunset Boulevard, Hollywood, California.

Vivian Rich Laurel Canon, Box 799, R. F. D. 10. Hollywood, California.

Nas proximidades do Natal:

ALMANACH DO "O TICO-TICO" PARA 1929

LUXO: "Cinearte-Album" BELLEZA!

SAO ESTES OS ANNUARIOS LEADERS DO BRASIL

As suas edições, nos ultimos annos, têm sido esgotadas rapidamente, com desgosto para quantos não têm a previdencia de mandar reservar os seus exemplares com antecedencia.

PREÇOS PELO CORREIO

ALMANACH DO "O MALHO" — uma pequena bibliotheca sobre os mais variados assumptos.
Rs. .... 4$500

ALMANACH DO "O TICO-TICO" — o annuario esperado anciosamente por todas as creanças do Brasil.
Rs. .... 5$500

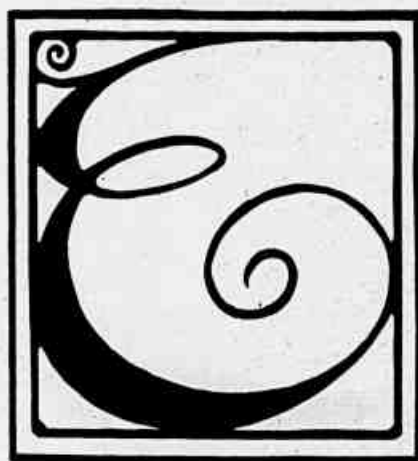
CINEARTE-ALBUM — a mais luxuosa e artistica publicação cinematographica, unica no seu genero no Brasil, com centenas de retratos coloridos e mais 20 lindissimas trichromias.
Rs. .... 9$000

SEJA PREVIDENTE: faça-nos hoje mesmo o pedido do annuario acima que preferir, enviando-nos a importancia correspondente em carta registrada, cheque, vale postal ou sellos do Correio.

Sociedade Anonyma "O MALHO"

OUVIDOR, 164 — Rio

Cinearte

GRETA GARBO

STA' de novo no Supremo Tribunal a questão dos menores e sua frequencia aos Cinemas.

O Tribunal da Relação de Minas Geraes havendo negado um habeas-corpus impetrado por pae de menores que para estes solicitava plena liberdade de frequentar os estabelecimentos de projecção de films, recusa baseada em decisões do mais alto tribunal judiciario do paiz entendeu de tirar a limpo de uma vez por todas a questão da legalidade do Codigo de Menores, já que a Côrte de Appellação ou melhor o seu Conselho Supremo e recentemente o Tribunal de Justiça de São Paulo haviam decidido de modo contrario. Ha pois necessidade de se saber quem está com a razão: se os que negam habeas-corpus e acham que o Juiz de Menores aqui e os Juizes estaduaes baseados no Codigo de Menores estão agindo legalmente, se os que julgam de modo contrario.

A decisão dada pelo Supremo Tribunal porá ponto final na controversia, que já se vae prolongando demasiadamente com evidente prejuizo para os interessados e para o proprio commercio cinematographico.

Nossa opinião sobre o assumpto é de sobra conhecida por muitas vezes manifestada. Fomos dos que mais sincera e calorosamente applaudiram a attitude do Dr. Mello Mattos em sua nobre defeza da moralidade infantil que não póde nem deve estar á mercê de exploradores sem escrupulos.

Pelas manifestações anteriores certamente o Supremo Tribunal fará victoriosa a acção moralisadora do illustre e integro magistrado cuja obra de benemerencia pode ser atacada como tem sido pelos "balcões" mas que o recommendará sempre á gratidão de todos quantos têm real interesse pelo futuro de nossa terra é integridade moral de nossa gente.

Aguardemos o pronunciamento do Supremo.

卍

Por outro lado annuncia-se que o serviço de censura tanto theatral como cinematographica vae soffrer completa remodelação Nos estreitos moldes da legislação e dos regulamentos actuaes é absolutamente impossivel fazer obra util.

Será necessario modificar, refazer tudo, principiando por tirar a censura de dentro da organização policial, dando-lhe uma autonomia de que não goza.

Os censores actuaes são funccionarios publicos com vencimentos pagos pelo Thesouro e custas pagas pelos importadores de films.

Cada um delles vê, (quando vê) seus trinta ou quarenta films por mez, nas salas das proprias agencias, em horas muitas vezes improprias, em apparelhos e télas nem sempre razoaveis, com operadores que acceleram o mais que podem o movimento só para se retirarem mais depressa daquelle enfadonho serviço.

Não é possivel em condições precarissimas como essas fazer obra perfeita.

D'ahi a estatistica da censura accusar numeros tão baixos sobre a sua acção.

Em milhão e pouco de metros de films, cortam-se uns cem metros apenas.

Improprios para creanças consideram-se apenas uns poucos films.

Prohibições só ha quando existe alguma recommendação expressa dos poderes superiores, especialmente do Ministerio das Relações Exteriores.

Os criterios variam de um para outro censor.

Um delles conheci que ia para o mourejar quotidiano como para uma agradavel tarefa. Assistia aos films como um espectador qualquer, regalava-se com o desenvolvimnto das peripecias e, ao cabo de uma ou duas horas, lavradas as certidões de approvação, retirava-se para sua casa satisfeito e feliz por ter tomado um fartão de Cinema.

No dia seguinte repetia a dose.

Que me conste jámais censurou um metro de film, jámais fez uma observação sobre o thema, as scenas, as legendas, o quer que fosse.

E nem por isso deixava de se considerar um censor austero.

Ora, não é isso o que se faz mistér.

O de que se precisa é dar á censura uma organisação que corresponda ao desenvolvimento extraordinario que tem tido entre nós o espectaculo cinematographico, capaz das maio-

(Termina no fim do numero).

Ricardo Cortez e Alma Rubens divorciaram-se, diz o "The Examiner".

卐

No mez de Junho em Buenos Aires funccionaram 156 Cinemas, que deram 11.166 sessões com 2.124.282 espectadores com um movimento bruto de 1.304.297.97 pesos. No mesmo mez funccionaram 13 Cine-Theatros e 27 Theatros.

卐

Pola Negri será a estrella de "Picadilly", film inglez, sob a direcção de E. A. Dupont.

卐

Maria C o r d a, Anna May Wong, Monty Banks e Olga Tschechowa estão trabalhando na Bristish Internacional de Londres.

卐

Cinco films da Ufa foram adquiridos para a America pela Paramount e Metro-Goldwyn.

卐

Larry Semon anda muito nervoso e foi internado num sanatorio.

卐

"Eine Frau Von Format" é um film allemão da Terra, com Mady Christians, Diana Karenne, Hans Thimig e Wedwig Wangel.

NANCY CARROL

Dolores Del Rio chegou a Paris e numa entrevista declarou que os grandes directores como Chaplin, Griffith, Stroheim, Lubitsch, Brown e outros são contra o film falado.

卐

"Venus" é o primeiro film francez que será distribuido pela United Artists. Será filmado em Nice sob a direcção de Louis Mercanton. Constance Talmadge é a estrella coadjuvada por André Roanne, J e a n Murat, Maxudian e outros.

卐

Maurice Chevalier que foi contractado pela Paramount, sómente para films falados, vae começar um delles sobre a direcção de H. D'Abbadie D'Arrast que tão bem tem falado á nossa alma em films silenciosos como o "Quartetto de Amor".

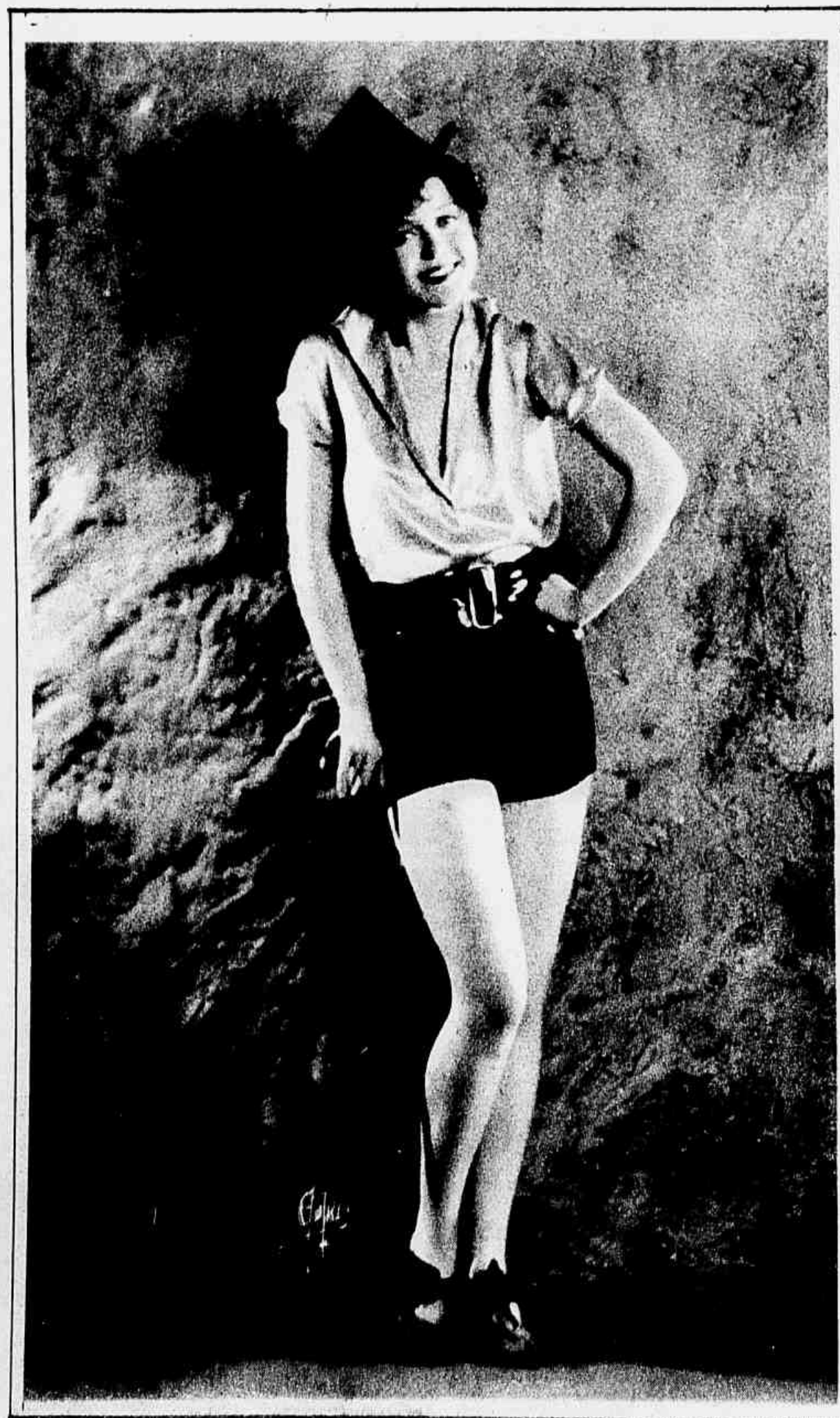
卐

Falou-se muito em que a Paramount ia copiar a Warner Bros., mas houve desmentido de ambas as partes.

卐

King Vidor vae filmar uma historia de negros, escripta por elle mesmo. Só um branco no elenco.

卐

E' provavel que Will Rogers appareça num film falado da Paramount.

O Silencio Eterno

(CRIP OF THE YUKON)

FILM DA UNIVERSAL

Jack Elliott .... Neil Hamilton
Sheila McKay .... June Marlowe
Colby Mac Donald ..... Francis X. Bushman
Dr. Bugle .... Otis Harlan
Chardon .... Theodore Lorch
Hoyt .... James Farley
Farrel McKay .... Burr McIntosh

O Alaska era então o Eldorado, a terra privilegiada em cujas entranhas só existia ouro, que fazia com que milhares e milhares de creaturas, na ancia de riquezas, arriscassem a propria vida para a conquista do precioso metal que as devia tornar immensamente ricas.

Entre os que para lá se tinham dirigido, estava o velho Farrel McKay. Fôra feliz. Descobrira uma mina abundante e os seus pagamentos elle os fazia em pepitas, guardando, porem, rigoroso segredo quanto ao local onde obtinha o producto de sua fortuna.

Um dia, éllé appareceu na taverna-cabarét de Chardon, na pequena cidade de Rawson, trocou algumas pepitas por notas, metteu-as num enveloppe e pediu ao proprietario da bodega que o enviasse a sua filha, nos Estados Unidos, afim de que ella custeasse as despezas de transporte até o Alaska, vindo se juntar a elle.

Jack Elliott e Coby MacDonald, dois rapazes que se tinham ligado por estreita amizade, seguiram-no, curiosos de saber onde o velho tinha a sua mina. Surprehendeu-os um formidavel temporal de neve e, arrastando o outro, que quasi perdera os sentidos, Colby conseguiu chegar até á cabana de McKay. A recepção que tiveram não foi cordial. Com as faculdades mentaes meio alteradas já, vendo em todos um possivel ladrão do seu ouro, que elle transformava até em balas, para alvejar os que pretendessem roubal-o, McKay recebeu-os hostilmente. Travou-se luta e o ancião acabou por perecer.

Guardaram silencio em torno do caso, enterraram o corpo de McKail e tomaram posse da mina. A consciencia continuamente os accusa, embora elles não tivessem sido propriamente os autores da morte, pois o ancião se férira com a sua propria arma durante a luta.

Retornára a primavera e com ella o reinicio da navegação com os Estados Unidos. O primeiro vapor trouxera entre os seus passageiros a linda Sheila, filha de McKay. Jack e Colby não tardaram em se sentir presos aos encantos da moça, que se hospedára no hotel de Chardon, á espera do pae, de cujo paradeiro ninguem sabia. E semanas passaram. A conta do hotel crescera e Chardon, certo dia, vendo que Sheila não cedia aos seus desejos censuraveis, pretendeu obrigal-a a dansar para pagar-lhe o que lhe devia. Os dois rapazes se collocaram ao lado da moça e, depois de um conflicto sério, que poz em polvorosa o cabaret, estabelecendo um verdadeiro tiroteio, levaram Sheila para a sua cabana, pondo-a ao abrigo da perseguição de Chardon.

Os dias se seguiram. A moça sentia-se inclinada por Jack, que já lhe confessára o seu amôr. E as coisas iam assim, até certo dia, Jack viu Colby, que descera ao poço com Sheila, tomal-a nos braços e beijal-a. Encheu-se de ciumes e estabeleceu-se absoluta incompatibilidade entre os dois.

(Termina no fim do numero)

CINEMA BRASILEIRO

(PEDRO LIMA)

MAXIMO SERRANO

Não nos susprehenderam as accusações feitas á expedição Dyott, que sob a pretensão de procurar o explorador Fawcett, internou-se pelo nosso sertão, visando uma recompensa jornalistica, com o romance das suas peripecias na "jungle" amazonense...

Não é novo este processo de valorisar relato de aventuras, por correspondentes de agencias de informações estrangeiras, que procuram dar visos de verdade as suas narrativas, com as mais imaginosas cretinices.

A expedição Dyott, porém, ainda foi mais longe.

Influenciado pelo Cinema, ou tentado pela gloria de ser um novo desbravador dos sertões, Dyott pretendeu fazer-se suppôr perseguido pelos indios bravios, que ante elle lançavam settas envenenadas...

Com certeza, munido de uma bôa camera cinematographica, elle e mais os membros da expedição, aproveitaram tão optima occasião, para com o risco da propria vida, apanhar ao natural os seus ferozes similhantes, que findo o terrivel assalto, deixaram-se pagar em missangas e voltaram socegadamente aos seus misteres. Está claro que esta ultima parte não apparecerá no film para não tirar a emoção...

Aliás, o proprio operador que talvez até tenha vindo já contractado por alguma conhecida empreza de New York, em conversa com varios inglezes na séde da Sociedade Recreativa de Belem, entre goles de "whiskey" adiantou mais alguns episodios da narrativa do chefe, que pela imaginação bem poderia servir para algum film em série.

Diz elle que a viagem que a missão fez na estrada de ferro da Cuyabá, que accrescentou logo estar em pessimas condições, o trem descarrilou quatro vezes. Quando o comboio parou em Cuyabá, uma cobra penetrou no vagão e mordeu um caboclo brasileiro que teve morte instantanea.

Certa vez, elle e seus companheiros forneceram cachaça, quando ainda em Matto-Grosso, a dois caboclos. Um delles, embriagado, pediu licença, muito cortezmente, aos membros da missão Dyott para combater como seu companheiro e o feriu gravemente á faca.

Não é isso extraordinario?... E numa época em que Generoso Ponce, que é de Cinema... fez o seu brilhante discurso no Centro Mattogrossense de que é presidente?

Por ahi poderá se avaliar as boas referencias que nos serão feitas por esta e outras missões que nos visitam, aqui recebem todos os favores e auxilios, e aqui encontram um cavalheirismo e uma hospitalidade que elles nunca comprehenderão, alem de Favorés, inclusiveis isenções de direitos aduaneiros tão nécéssarios ao nosso Cinema...

E' pena que os indios, as cobras e todas as phantasias desses cerebros extraordinarios, não sejam mesmo uma realidade, porque em vez de films que nos desmoralizam, teriamos nos nossos sertões, films espiritas. Então quando um explorador mais realista desbravasse todo o interior, talvez encontrasse uma cinelandia completa, apparelhada com studio e todos os machinismos.

Infelizmente isto não succede, razão pela qual o nosso governo deveria controllar toda a remessa de fims feitos daqui para o estrangeiro.

Ha tempos, um nosso companheiro assistiu nos Estados Unidos um desses films com pretos colhendo bananas, mostrando os nativos brasileiros na cultura de fructos da terra". Assim quantos outros.

Quem os tirou? Sem duvida, alguma dessas expedições, ou então, trabalho de algum destes operadores daqui, correspondentes especiaes das companhias americanas, que vivem a enviar para lá tudo quanto fôr aberrante ao progresso, como curiosidade, como originalidade, embora detractor da nossa civilisação.

Isso é que precisamos evitar, mas isso é tambem outro assumpto que trataremos com mais vagar.

*

Pelos jornaes que temos recebido de Minas, fomos informados de que a Phebo Brasil Film, em assemblêa realizada a 23 do mez passado, com a presença de 14 accionistas e presidida por Agenor Côrtes de Barros, por alvitre de Luiz Soares dos Santos, foi posta em votação a

(Termina no fim do numero)

O. ALMEIDA O VILLÃO DE "ENTRE AS MONTANHAS DE MINAS", DA BELLO HORIZONTE-FILM!...

IRIA MIRAINO, A REVELAÇÃO DE "MORPHINA", TAMBEM FIGURA EM "BARRO HUMANO", DA BENEDETTI FILM

A FILHA DO CZAR

(CLOTHES MAKE THE WOMAN)

FILM DA TIFFANY-STAHL ("Programma Serrador") que será exhibido no ODEON.

Princeza Anastacia, Eve Southern; Victor Trent, Walter Pidgeon; Stella Starr, Corliss Palmer; O director, Charles Byer; Assistente, George E. Stone; "Leader" Bolchevick, Adolph Milar; Czar, H. O. Pennell; Czarina, Catherine Wallace; Czarvitch, Byron Sage.

Quando Victor Trent se iniciou na carreira cinematographica nos Estados Unidos, a sua fama correu celebre, pelo facto de que não somente era um interprete consciencioso, como a sua imaginação era fertil para a composição de entrechos empolgantes. As chamadas "Producções Trent" corriam mundo, sendo recebidas com acolhimento excepcional.

Assim é que, um dia, os seus directores suggeriram-lhe, visto elle conhecer a vida russa antes da guerra em todos os seus aspectos, a possibilidade de elle escrever o romance que mais poderia interessar a todos os publicos: o romance cinematographico da vida da Princeza Anastacia, a filha do Czar, que segundo voz corrente fôra a unica a escapar-se da carnificina de 1918.

Victor Trent ficou sensibilisado com a suggestão. Haviam-lhe t o c a d o, positivamente na "corda sensivel"... Falarem-lhe da Princeza Anastacia era um mundo de recordações que lhe perpassavam pelos olhos. Não hesitou. Ali mesmo, gisou o romance, do qual deveria ser a primeira figura masculina. E, á maneira que os quadros se succediam, os dois collaboradores de Trent emocionavam-se. E foram assistindo aos lances mais dramaticos da historia da Russia contemporanea...

Victor Trent era official da Guarda do Czar. Sympathisava com a revolução no seu intimo. Quando ella rebentou, elle estava precisamente de serviço. Aparou os primeiros assaltos ao Palacio do Imperador. Não lhes oppôz obstaculos de maior. Mas quando os "meneurs" revolucionarios exigiram fosse presa toda a familia real, Victor collocou-se a seu lado, para impedir algum attentado. Arrastaram-na. A horda rebelde não mais tinha mão em si... O furor revolucionario era terrivel e Victor Trent mediu a situação. Elle tinha de ser juiz e parte no que se tentava fazer. Revoltar-se seria attrahir a morte. E quando o "leader" dos rebeldes ordenou fuzilassem o Czar e todos os seus, Victor acercou-se da Princeza Anastacia, que tinha nos seus braços o Czarevitch, que arrancaram e espesinharam, sendo o primeiro a morrer. Murmurou-lhe que se deixasse conduzir por elle e que quando disparasse o seu revolver se fingisse morta!... O simples facto de ter assistido ao fuzilamento de sua familia, fez com que Anastacia perdesse os sentidos. O chefe dos energumenos julgando todos mortos e "bem mortos" mandou que deixasse ali os cadaveres, que mereciam "fossem devorados pelos corvos"...

Victor, logo pôde voltar e buscar a Princeza. Leva-a nos braços e esconde-a num trenó de palha. Anastacia não sabia nada do que succedera. Queria voltar para junto dos corpos queridos. Victor convenceu-a que era preciso ficar ella viva para poder protestar ante o mundo civilisado o que acabára de succeder. Mais calma, então, deixou-se conduzir. E foi assim que conseguiu levar até á fronteira a desditosa Princeza, facilitando-lhe a fuga.

Victor Trent fugiu da Russia. Atravessou fronteiras. Conheceu as amarguras maiores que se podém imaginar. Passou fome e martyrios. Eil-o, agora nos Estados Unidos. E' necessario ganhar a vida. Que fazer? Tem um physico esplendido. Recuma distincção e fidalguia

(Termina no fim do numero)

DITA PARLO A GRANDE DESCOBERTA DA UFA QUE ESTRÉA EM "HEIMKEHR" DE ERICH POMMER. JÁ ESTÁ EM HOLLYWOOD...

PEQUENAS DA UFA QUE FIGURAM NO FILM "DER GEHEIMNISVOLE SPIEGEL"

De Hollywood para você...

POR L. S. MARINHO

(REPRESENTANTE DE "CINEARTE" EM HOLLYWOOD)

ESTELLE TAYLOR PASSA O DIA NA SUA PISCINA

Actualmente os artistas residentes em Beverly Hills, estão desertando das suas lindas vivendas, trocando-as por apartamentos chics. Tambem pudera! Beverly Hills, que antigamente era districto de residencia, somente para estrellas e astros de primeira grandeza, está sendo invadido por pessoas alheias ao Cinema e sem importancia.

Não seja esta a unica razão porque as estrellas estão dando preferencia aos apartamentos. Economia está ganhando oitenta por cento no negocio...

Os apartamentos são agora uma especie de companhias secundarias...

A vida está apertada, e é preciso um pouco de economia. O tempo da grandeza e muita ostentação já passou e ninguem se embriaga pelo successo. Com os films falados, então, cada qual procura guardar um pouco, para o dia de amanhã, que está sendo um ponto de interrogação...

Pola Negri, antes de partir para a Europa, vivia no Hotel Ambassader, apezar de possuir uma das mais lindas casas de Beverly Hills.

Mas está construindo uma das maiores casas de apartamentos na cidade, para onde irá, quando vier passear por estas bandas...

Norma vendeu a sua casa a Emil Jannings e a da praia a George Bancroft. Vive actualmente num apartamento, no coração de Hollywood, mas talvez porque esteja afastada do seu marido Joseph Schenck.

Laura La Plante e seu marido e director William Seiter moram ha dez passos do Hollywood Blvd, nos La Leyenda Apts, na Whitley Ave, onde tambem moram Ben Lyon, Olive Borden, James Hall e Myrna Kennedy.

Garden Court é uma das populares casas de apartamentos. Lá vivem Tim Mc Coy, Victor Varconi e, agora, Annita Stewart.

Dorothy Mackaill passa o inverno em Gaylord, que e defronte do Ambassador e o verão em Malibu Beach. Priscila Dean vive em Havenhurst e Alice White, Lily Damita, Barry Norton e outros, no Roosevelt Hotel. Barry, ha muito que prefere os hoteis. Antigamente vivia no Hollywood Plaza Hotel.

No Beverly-Wilshire Hotel, moram Mary Duncan, Sally O'Neil, Marceline Day, Lowell Sherman e outros. Greta Garbo tem tanta admiração pelo mar que passa o anno todo no Miramar Hotel, em Santa Monica.

Alma Rubens, Ford Sterling e Jackie Coogan preferem viver em pequenos bungalows perto da cidade. Na lista dos que preferem apartamentos temos ainda Charles Rogers, Evelyn Brent, Mary Brian, Doris Dawson, Louise Brooks, Lane Chandler, John Loder, novo galã da Paramount, e Jack Hoxie.

Os homens, principalmente os solteirões, preferem os clubs onde tambem possam fazer exercicios. No Hollywood Athletic Club moram Ralph Ince, Larry Kent, Montagu Love, Charles Farrell, Douglas Fairbanks Jr., Wallace MacDonald, Holmes Herbert, George O'Brein, Roland Drew, George K. Arthur, Walter Byron, Gilbert Roland, Paul Vincenti, Chester Bennet, Edmund Burns, Andre Beranger, Frank Capra, Harry Langdon e Millard Webb.

*

No intervallo de um film para outro, os artistas ficam ás vezes sem nada que fazer, além de vir ao Studio quando são chamados para alguma entrevista importante. Alguns fazem uma viagem; outros entregam-se aos sports, emfim, fazem lá o que de melhor lhes apraz, na altura de suas posses.

Renee Adorée adora a dansa, porem, devota parte de seu tempo ao golf, emquanto que Nils Asther monta a cavallo e faz passeios maritimos.

John Barrymore, quando não está em seu lindo yatch, faz exercicios athleticos para equilibrar o corpo, talvez, por causa dos goles... Lia Torá passa o tempo na praia... olhando a amplidão do mar... talvez com saudades do Brasil. Olive Borden aprende a nadar e por pouco ainda não ficou afogada. Tambem, que diabo, Olive Borden ha tres mezes está aprendendo natação e ainda não conseguiu manter a bocca fechada... Lina Basquette toma seu auto pela manhã, e passeia o dia todo.

Johnny Mac. Brown, não obstante ser um famoso jogador de foot-ball, prefere a natação, e Lon Chaney além de excellente cozinheiro, tem a mania de fazer excursões afime de tirar films. Suas excursões dão-lhe margem para as duas cousas — cozinhar ao ar livre e "fazer fitas".

Os artistas "free-lance" ficam em casa esperando o telephone, pois de um momento para outro póde apparecer um film para trabalhar.

Karl Dane está no seu elemento, se tem um martello, pregos e chave de parafusos, emquanto que Marceline Day gosta de patinar no gelo, e é eximia mergulhadora. George O'Brien gosta de fazer exercicios, principalmente jogar box, e a loura Lois Moran gosta de ler bons livros e dansar classico.

Ramon Novarro aprende allemão, estuda musica e canto. Anita Page gasta seu tempo desenhando e pintando.

Arnold Kent aprecia a boa prosa e um bom prato de macarrão, abrigado em alguma sombra, sem paletot e perto de um copo de vinho.

Não vejo ás vezes a razão de tanto repouso para o trabalho que elles têm.

Em verdade nos pequenos Studios, os artistas têm que trabalhar incessantemente, pois os directores dão pouca folga, porem, nos grandes, onde o desperdicio de dinheiro é enorme, o descanso ás vezes é tão grande que elles chegam a ficar aborrecidos de estar ali a espera de que chegue sua vez.

Ha occasiões em que o director perde o fio da historia, e durante o tempo que lê e relê o "script" todo, faz conferencias, conversa com a estrella, o galã, o "heavy", e tudo mais, e os outros esperam, ficam aborrecidos e gozam a "encrenca".

Lembro-me de que uma vez, perdi tres horas para falr cinco minutos com Lia de Putti. Isto foi num pequeno Studio. No entanto, estive conversando com Lois Moran ha dias como se estivesse a fazer uma entrevista. Poderiamos ter falado por um dia e meio. Isto foi num Studio grande...

GILBERT ROLAND FOI O ARMANDO "DUVAL" NA ULTIMA EDIÇÃO DA "DAMA DAS CAMELIAS". VAE SE CASAR COM A MARGUERITE GAUTHIER...

O SACRIFICIO

(A MILLION BID)

Film da WARNER BROS., com o desempenho de Dolores Costello, Malcolm Mac Gregor, Warner Oland, Betty Blythe, Douglas Gerrard e William Demarest.

A scena abre-se, para o espectador, em Paris, num apartamento do primeiro andar do Hotel Embassateur. Mme. Gordon, uma senhora ambiciosa, como muitas, que, infelizmente, existem por esse mundo, tinha uma filha, unica, e fazia questão de a casar com um millionario. Tres candidatos se lhe apresentavam: Geoffrey Marshe, uma das maiores fortunas de Vienna; Lord Robert Vane, membro do parlamento inglez, por direito hereditario; e Georges Lamont, parisiense da gemma e companheiro assiduo de todas as ceias e passeatas que Marshe custeava.

Mme. Gordon era uma dessas mulheres que fazem vergonha ás verdadeiras mães. Viuva, pensava, unicamente, na riqueza e no luxo. Não tinha grandes meios de fortuna e, por isso, procurava para a filha um marido rico. Livrar-se-iam, assim, ambas, de cahir na pobreza. Mas a filha, verdadeiramente mais mulher do que ella, não alimentava as mesmas ideas. A pobre menina comprehendia que o dinheiro não é o movel principal da felicidade e que se deve sempre dar ouvidos á voz do coração. Uma fortuna, ao lado de um marido odioso, seria uma miseria!

Trocavam-se, por isso, ás vezes, entre as duas, dialogos como este:

— Com effeito, Dot! Tratas muito friamente o mais rico dos teus admiradores!

— E por que o hei de tratar melhor, mamã, se elle não me interessa?!

— Ao menos, por mim! Marshe é muito distincto e bem sabes que o meu ideal é que te cases com elle?

— Sem o amar?!

— Sem o amar, sim! Que tem isso?!

— Não seria honesto! Ainda se não amasse outro... Mas a mamã bem sabe que amo Roberto...

— Ora, adeus! Roberto o que é, na ordem das coisas? Um medico sem dinheiro! Roberto nunca poderia pagar as minhas contas!

A insistencia de Mme. Gordon acabou por conduzir Dot ao sacrificio e, um dia, a imprensa parisiense, nas suas notas sociaes, tornou publica a seguinte noticia:

"O assumpto favorito de todas as palestras na nossa alta sociedade é o proximo enlace da formosa joven americana Miss Dorothy Gordon (na intimidade, Dot) com o distincto millionario austriaco, Sr. Geoffrey Marshe. A cerimonia terá logar na proxima quinta-feira, no Hotel Embassateur". O casamento realisou-se com grande pompa. Todos estavam satisfeitos, menos a noiva. Dot não medira bem o passo que dera e começava a arrepender-se. Mme. Gordon, temendo pelo bom exito da cartada que jogava, havia-lhe dito, ao conduzil-a perante o juiz:

— Sê prudente, minha filha! Olha que o nosso futuro está nas tuas mãos!

E essas palavras tinham-lhe aberto os olhos. Dot adquiriu a certeza de que sua mãe a trocára pelo dinheiro do millionario.

Terminada a cerimonia, o marido foi agradecer-lhe, á camara nupcial:

— Dot! E' este o dia mais feliz da minha vida! Farei o possivel para que não se arrependa de ter casado commigo!

(*Termina no fim do numero*)

ROBERTO E DOT

DOT, SUA MÃE E MARSHE

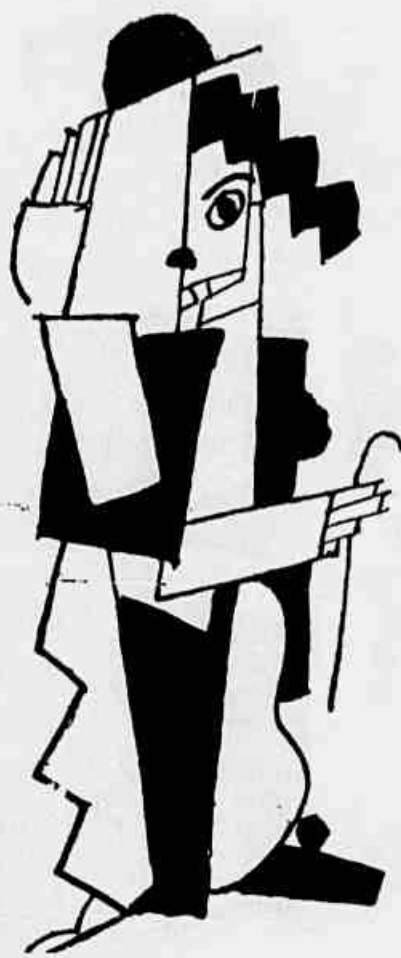
E FORAM TODOS PARA A AMERICA

JOHN MACK BROWN
E JOAN CRAWFORD

LEWIS STONE E
MARIA CORDA

De São Paulo...

(POR O. M.)

CHAPLIN SEGUNDO O LAPIS DE F. LEGER

Bons films. Das estréas, sem duvida, o melhor film foi "O Circo", de Charles Chaplin. Está provado, por milhares de escriptores, que Carlito é um genio. Seria superfluo emittir daqui este elogio. Mas do que me não posso esquivar é de dizer, ainda, algumas palavras sobre o grande comico.

Elle é bem o symbolo da infelicidade. Nunca a verdadeira placidez de alma lhe sorri. Sempre, sorrindo ironicamente, ao seu lado, está a desgraça maliciosa. Elle não é um aborto disfórme. E' pequenino, sympathico, humilde. Mas a sua figura é tão desprezivel que a gente sente vontade de lhe rir ao rosto. As gargalhadas que os seus films provocam, sempre, são gargalhadas que dão os que querem, muitas vezes, occultar o seu proprio ridiculo que é muito maior do que o ridiculo daquellas calças largas, daquelles sapatões, daquella bengalinha.

E a gente, por força, tem que idolatrar Carlito. Elle e o comico mais original do mundo. Nunca elle repete um motivo. Na melodia immensa da sua carreira, sempre, em todas as suas composições, elle arranjou situações differentes, detalhes só delle. O que o identifica, apenas, é a sua personalidade. E, como todo symphonista, elle sabe, para as suas partituras, guardar, sempre, a mesma pagina amorosa, com pequenas variantes, em que põe toda a melodia da sua alma, toda a delicadeza observadora do seu espirito.

Jannings não convence com as suas caretas. Carlito convence apenas lançando um olhar maguado. E se não fosse o medo de que a turba o apupasse, ridicularizasse, elle nos teria, sem duvida, dado um film dramatico em que nos pudesse mostrar a sua verdadeira arte! Harold Lloyd é um dos mais sympathicos comicos do mundo. Mas Harold Lloyd não faz pensar. As scenas sentimentaes dos seus films, são sinceras mas não têm o cunho de profunda philosophia que têm as de Carlito. E, entre ambos, ha um abysmo enorme: um, Carlito, é genio; outro, Harold, é intelligente. E isso já os define. Depois, Carlito fez o que nunca algum outro conseguiu. Criou um typo inimitavel. E quem ousará imital-o? Os que o tentaram, nunca passaram da estreiteza sordida dos films- em dois actos... E este "Circo", cheio de pensamentos, cheio de cousas que põem a gente pensando, reflectindo, é um dos films mais interessantes que vi este anno. Como eu aprecio Charles Chaplin!!! E haverá quem não o aprecie?

O "Circo" estreou no Republica. Fui terça-feira. A Praça da Republica ficou cercada pelos automoveis particulares, rivalizando em luxo e esplendor, e provando que o pobrezinho, o humildé Carlito tambem arrasta multidões... E como eu gosto de ir ao Republica em dias assim! Ali a gente vê o que ha de fino em São Paulo. E o nosso publico parece que já vae perdendo essa tôla mania de frizas e camarotes. Grande parte delles esteve desoccupada. E na platéa, então, viam-se as senhoritas as mais distinctas, senhoras as mais aristocraticas, cavalheiros os mais respeitaveis. Assim é que é.

AZAS, no Sant'Anna, se não foi um dos melhores films da semana, tem, ao menos, a vantagem da apresentação pomposa que teve e do cunho de super-producção com que o timbraram. Mas "Azas" é um film fraco. Como argumento. Mas as situações armadas, ás vezes, como a da perseguição de Charles Rogers á Richard Arlen, dão suspensão e fazem com que a gente desculpe certas inverosimilhanças. Clara Bow... A pequena que mais eu adoro... Você fez mal de se ter deixado incluir neste elenco. Você fica pequenina... pequenina... assimzinha... E a gente só vê você quando, fatalmente, você se despe. Isso, nem que seja um film de 1818 tem que succeder. Você ha de mostrar as qualidades de mamãe Eva se não quizer fracassar. Mas, desta feita, ao menos, ainda ha uma razão plausivel. E só aquelle pedasinho já põe a gente groggy! Clarinha... você promette que não se esquece de mim?... Aquelle cabello encanecido de Charles Rogers, vale 2 milhões. A gente ri! Mas como "Azas" teve som e nos mostrou que, hoje em dia, uma orchestra é bem dispensavel, em Cinemas, quando existem apparelhos como o "Auditorium". Casa repleta. Ao meu lado um sujeito de 200 e tantos kilos que falava inglez aos berros, com o vizinho, para que todos vissem que os parentes de Gago Coutinho tambem sabem arranhar as suas cousas... Só isto já me tirou parte da vontade de apreciar o film. Mas o Sant'Anna mostrava um lindo aspecto pela quantidade de publico que para lá foi. E parece, pelas geraes opiniões colhidas nos corredores, que o film não agradou muito. E isso e bem razoavel. No entanto, William Wellman e os operadores, merecem o dinheiro que a gente gasta e os applausos que a gente der. A volta de Charles Rogers é bonita.

SEGREDO DE MORTE ("The Noose") — F. N. P. — Producção de 1928, estreou segunda-feira no Alhambra.

E' um bom film. Ha tempos, mesmo, que Richard não tinha um argumento assim. E elle é bem digno das melhores historias. Pena é que o thema da peça theatral de Willard Mack e H. H. Van Loan fosse tão corriqueiro.

Nickie Elkins julga-se orphão. Ama Thelma Todd. Não sabe que Lina Basquette o adora. E quer deixar a vida de contrabandista. Quer, antes de tudo, deixar Montagu Love, o sordido Buck Gordon. Este commette um crime. E quer que Richard o tire da enrascada, falando com Alice Joyce, esposa do governador Robert Haines. Por que? Porque Alice é mãe delle e Montagu pae. Loucuras da mocidade... Foram namorados... Bumba! Richard Barthelmess!!! Mas Richard revolta-se. Diz que nunca. Insistencia. Pistola automatica em scena. Dedo ao gatilho e o corpo de Montagu cáe morto. Depois: elle não conta porque matara. Não conta! Não conta! Não conta! Força... Mas Alice Joyce entra com o jogo. Dribla o Robert Haines e salva o filhinho. E elle naturalmente casa com Lina Basquette. A Thelma Todd fóra para a Europa...

Este enredo, nas mãos de uma F. B. O. e com um daquelles nossos camaradas ao megaphone, seria daquellas cousas!!!... Mas John Francis Dillion, Richard Barthelmess, Alice Joyce e Lina Basquette põe-no em situação de se poder assistir e poder applaudir.

Dillion modernizou-o. Introduziu-lhe as mais modernas innovações de technica. Foi buscar os angulos os mais lindos. Collocou a machina sempre baixa. Apresentou uma photographia modernissima. Deu movimentação espantosa á "camera". E só aquella scena de tribunal que seria corriqueira nas mãos de qualquer outro, com composição e effeitos de luz, apresentou elle uma scena formidavel!

De angulos, agitação de machina, continuidade moderna, o film está cheio. Elles pegaram a peça 1890. Despiram o oito. Despiram o nove. Despiram o zéro. Depois pintaram-nos. Tocaram-lhes um black bottom ao cravo. Agitaram-nos. E sahiu 1928. Só ficou o um para aguentar o repuxo. E sahiu este film que é bem bom, mesmo.

Richard apresenta um trabalho que é o da sua especialidade. Dramatiza com sobriedade maior ainda. Pode ensinar Jannings a fazer tragedia. Aquella sua caminhada para a forca, arranca lagrimas. Mas não lagrimas de sentimentalismo piégas. Lagrimas que arranham a garganta. Lagrimas que desfazem aquelle nó horrivel que ás vezes nos suffoca... E elle é um artistazinho que a gente nunca póde esquecer. A scena em que elle reconhece o amôr de Lina e que a beija num desespero de morte, vale o film. Outrosim a scéna ém que Lina vae pedir á Robert Haines o corpo do seu amado para lhe fazer o enterro. Está admiravel.

E' tragedia da grande. O elemento amoroso é muito pequenino. Quasi se resume na scena que citei. Mas Alice Joyce, com o seu amor materno differente das Mary Carrs e Belle Bennetts que já nos acostumamos a vêr, enche esse vacuo. Eu sei que vocês vão gostar muito deste film. Mas o que lhes peço é qué não se lembrem da vulgaridade do thema. Se tiverem, mesmo, que pensar nisso, prestem attenção em Lina Basquette e nos seus trajos de bailarina...

John Francis Dillion, o director, merece o maior abraço. Apresentou um trabalho magnifico. E póde se gabar de ter feito malabarismos com a "camera". Aquelle négocio do pessoal abrir portas e grades para ella passar e novo. Parabens, repito!

MUSA DE TANGO ("The Girl from Rio") — Producção de 1927 — Gotham — Programma E. D. C., ou seja "A Pequena do Rio" disfarçada de argentina, foi a outra estréa da semana. A peior! A agora chega desse negocio de dizer que a empreza fez mal de collar papel sobre o titulo original e nem pagar reclame. Chega! Vamos analysar o film.

Tiraram delle tudo o que pudesse dar a idéa de que a historia se passa na nossa capital. Apenas apparece, ligeiramente, uma conta da "Casa Colombo" nas mãos de Richard Tucker.

Vê-se, então, que, de facto, com os aspectos com que apresentam a nossa principal cidade, nada e de admirar que se vissem féras e indios dansando em pléna Avenida Rio Branco, após saboroso banquete de carne humana...

Em parte, o que nos dá realmente pena, é que elles sempre nos estejam a confundir com a Argentina. Assim, ao menos, com tangos e mantilhas, por certo que nunca nos porão em perigo de ridiculo.

E' como já tive occasião de affirmar: elles, em parte, sabem, perfeitamente, que aqui nós somos um povo perfeitamente civilisado e que, na maioria das vezes, já estamos caminhando para o espantoso progresso em que elles se acham. Mas... o publico gosta de coisas novas. Ambientes em que se vejam caras exquisitas, vestimentas carnavalescas. E, se elles mandassem ás "Bell & Howell" para filmar o Rio de Janeiro ou São Paulo, quando lá chegassem, fóra as nossas paizagens inneguala veis e que nem dão confiança á milhares de cataratas de Niagara, etc., elles teriam que apanhar as moças as mais distinctas, trajadas á ultima moda. Rapazes fortes, distinctos, educados á moderna. Povo progressista. Povo principalmente intelligente. Povo formidavel. E para

exhibirem, aos olhos dos seus compatriotas, cousa que para elles é commum e elles exclamarem "so this is Brasil?", não vale a pena. O melhor é fantasiar. E surgem, então, essas Argentinas de dar risada e, ás vezes, esses Rios de Janeiro que são verdadeiros descreditos para as intelligencias dos yankees. A gente sophisma com cousa incerta. Com cousa certa a gente vae primeiro estudar. Depois sophisma...

O film, além disso, é vulgar, ridiculo. Não passa de "mais um film de linha". Mas elles andaram distribuindo tangos, atrapalhando o publico a vêr se chamavam gente, mas, infelizmente para elles e felizmente para o publico exhibia-se "O Circo"...

Acho muito razoavel que a E. D. C., se teve a coragem de adquirir essa borracheira a procurasse exhibir. Mas que fizesse uma clara e nitida exhibição do que iam exhibir. O que, positivamente, não foi correcto, foi o tal negocio de quererem passar gato por lebre...

Carmel Myers, como brasileira, não passa de uma judia fantaziada de argentina. Walter Pidgeon, o inglez. E vocês sabem que elle e da listinha dos perobas... Richard Tucker é o Senhor Antonio Santos. Ora bolas. Sr. Antonio Santos! Henry Herbert é o Sr. Rafael Fuentes... Fuentes! Pyramidal! Mildred Harris fica na Inglaterra. Felizmente.

Argumento que não justifica a razão de Norman Kellogg ter um cerebro. A adaptacão e a direcção de Tom Teriss provam a capacidade delle para veterinario... Ray June, operador, foi, o unico qué se salva.

Só aquelle Carnaval...

x x x

JUSTIÇA DE CÃO ("Dog Justice") — F. B. O. — Programma Matarazzo — Producção de 1928.

O sujeito que começa a assistir muita fita de cachorro e muita fita de "cow boy", acaba, fatalmente ladrando ou dando tiros. Ou, quando pouco, como aquelle sujeito da mala, da fita "Love and Learn", da Esther Ralston... E este film do Ranger, mais um rival já conhecido do Rinty, é mais uma xaropada horrivel. Elle é "secreta", desta vez. Assistiu ao crime e prende o ladrão. Ao menos se o Tom Terriss tivesse a intelligencia do Ranger... Ora, não percam o seu tempo. Só serve para matinés infantis. Edward Hearn e Nita Martan, são o elemento amoroso da fita. Al J. Smith é aquillo que vocês já sabem. E muito me admira qué Jérome Storm, o director, terminasse assim... Coitado! Ethel Hill poderia, em vez de ter escripto este argumento, ter escripto um livro de receitas para reclame do Royal Backing Powder... Nick Mussuracca o operador. Sáe azar!!!

Dia 20 de Setembro, o São Bento exhibiu "A Italia de Hoje", patriotada. Mussolini foi o galã... Emfim, como aqui se domicilia grande porção de italianos, a gente desculpa. Mas quando um Cinema que era bom começa assim...

O Royal reprisou, esta semana, "Morrer Sorrindo", de Norma Talmadge. Ha muito que eu queria dizer alguma cousa á respeito desse negocio de reprises. Grande parte do publico, desse publico que vae á Cinema para passar o tempo, não guarda nome de fita e nem época em que a mesma se lançou. Como, portanto, exigir-se que elle adivinhe que esses films são reprises? Quando essa palavra está no annuncio, está tão pequenina que ninguem enxerga... E é tolice. O Serrador, agora, está exhibindo uma bôa collecção de films modernos. As Reunidas tambem. Para que, portanto, estarem, ás vezes, aborrecendo a paciencia dos "fans" e do publico, com essas reprises que só servem para mostrar o quanto um film perde com a edade para trazerem, ás vezes, o descredito á um ou mais artistas? Exhibam films novos. Deixem os gaviões do mar e os mortos que sorriem em paz. Cuidem de films novos. Coisa recente e moderna. Não pensem que o publico possa admirar um trabalho de Norma com technica antiga, com movimentação antiga; embora seja film de época, não deve ser reprisado. Os cofres é que o devem guardar.

Hontem, sabbado, eu vi "No Dominio das Illusões", da M. G. M., ou seja ("The Show"), com John Gilbert e Renée Adorée, producção de 1926.

Tod Browning, com o scenario de Waldemar Young, coçou o piolho. Depois fez uma careta. Depois olhou para o Lon Chaney Tornou a coçar o piolho. Depois cochichou qualquer coisa aos ouvidos de Waldemar Young. Este torceu a bocca e respondeu. Tod mordeu a ponta do lapis e riscou um nome no papel. Depois olhou outra vez para o Lon Chaney e sorriu com malicia. Impossivel! E, no dia seguinte, John Gilbert recebia um convite. Você quér trabalhar num film de Tod Browning? John pensou. Pensou. Tornou a pensar. Já sabia: tinha que se metter nas mais intrigantes aventuras policiaes. Depois haveria o momento de suprema suspensão e, finalmente morreria. Mas quando soube que não morria, leu o papel. E, instinctivamente, gritou: "mas isto é para o Lon Chaney!!!" O Tod não coçou nada. Olhou para elle. Cochichou ao ouvido. Elle insistiu. gritou: "mas ha amor, John! Ha beijos! Renée vae ser beijada mil e uma vezes! Você quer que eu deixe o Lon Chaney fazer isso? "Uma lesma passando por cima de uma rosa... Detalhe... John com a mão afastou a idéa horrivel. Não! Faria o sacrificio! Beijaria elle a Renée! E comecaram. Lon Chaney nem ligou. Só chamou o Tod Browning de adultero... E terminaram o film. Um pirata. Cheio dos peores vicios. "Barker" de um "show" ordinario na Hungria. E' o sujeito mais vassoura do mundo. Até a Gertrude Short! O Lionel é a ameaça. Não falo Barrymore para não me lembrar do John. E, complicasse a cousa. Edward Connelly é pae de Renée. John não sabe. Depois sabe. O supposto irmão de Renée, morre enforcado. Quem manda não ser filho sem querer da Alice Joyce?! Bem feito!!! E ahi é que está a coisa: John vê que Renée não é uma mulher vulgar.

Descobre o ovo de Colombo. Vem a policia. Elle esconde-se. E luta com aquelle horrendo lagarto. A suspensão da fita! Mas o lagarto morde o Lionel, que o trouxera e que estava tambem escondido ali. E o lagarto morre, tambem. Morre sob as balas do policia que viéra prender John. Fade out. Fade in.

E, de novo, no mundo das illusões. John e Renée aos beijos. Elle fica o typo puro. Ella a typa, digo a creação maxima da virtude. E.. até dos "Cossaks"! Exhibiu-se. Só para os artistas. Mas o Irving Thalberg foi tambem. Quando appareceu o lagarto, Irving deu um berro. Accenderam-se as luzes. Elle estava possesso. Foi ao Tod. "Sua besta! Você não me disse isso!" O Tod pensou que o effeito do veneno do lagarto em Edwin Sturgiss, o homem que morreu sem amar... em "Amar para morrer" estivsse agindo em Irving. Mas este continuou. "Que opportunidade que você faz o coitado perder! Sua besta!" John Gilbert metteu-se. Renée tambem. Norma Shearer não soube de nada porque não estava presente. Mas o Tod reagiu. E quando elle corporificou um dialogo de sangue por gloria, o Irving ficou peor ainda. Ahi explodiu a bomba: "mas você poderia ter dado esse papel de lagarto ao Lon Chaney!"

Que colosso elle não faria disso!" O Tod ahi cahiu em si. Sentou-se. Chorou. Depois todos choraram. E' verdade! Que pena! Mas não contaram o caso ao Lon... Então o Tod Browning voltou-se. Estendeu a mão á Irving. Este engulin as bestas. O Tod voltou-se para o operador. Mandou tocar o enterro. E no fim todos acharam que "não passava de um film commum. Nada que se approximasse dos grandes trabalhos do maior John Gilbert". E eu concordei com elles...

Agora, leitoras, John Gilbert... eu sei que vocês vão vêr. E não podia ser por menos! Elle é o mesmo impetuoso e ardente galã de sempre. O argumento é que é sopa.

A occasião é opportuna para um commentario sobre a questão de orchestras. Eu assisti este film no Royal. Vocês já sabem o que eu penso da orchestra desse Cinema. Mas é necessaria uma explicação. O conjuncto não precisa ser perfeito. Mediocre mesmo já serve. Mas o que é absolutamente necessario, é que não colloquem essas partituras de velharias nas estantes e que as executem de fio a pavio. Não se supporta mais isso! A gente quer musica adaptada. Não precisa ser musica perfeita. Mas que acompanhe a dansa, quando dansam, a delicadeza de uma scena de amôr, a brutalidade de uma luta, a suspensão de uma corrida e a do Royal que, diga-se, não é ruim de toda, pecca por este principio. Posso dizel-o com

(Termina no fim do numero)

LOLA, A "PEQUENA DO RIO" E O SEU NAMORADO...

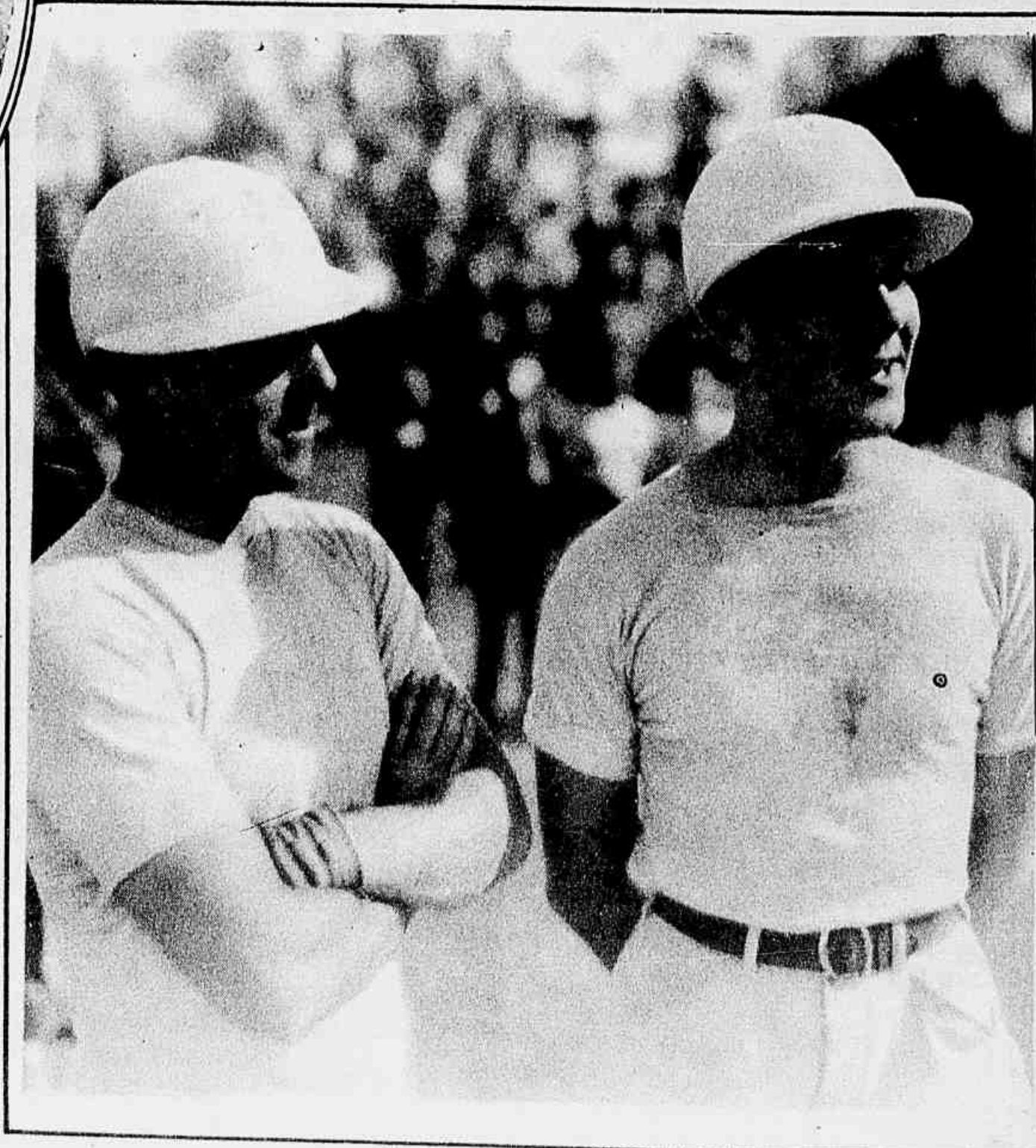
O PETULANTE

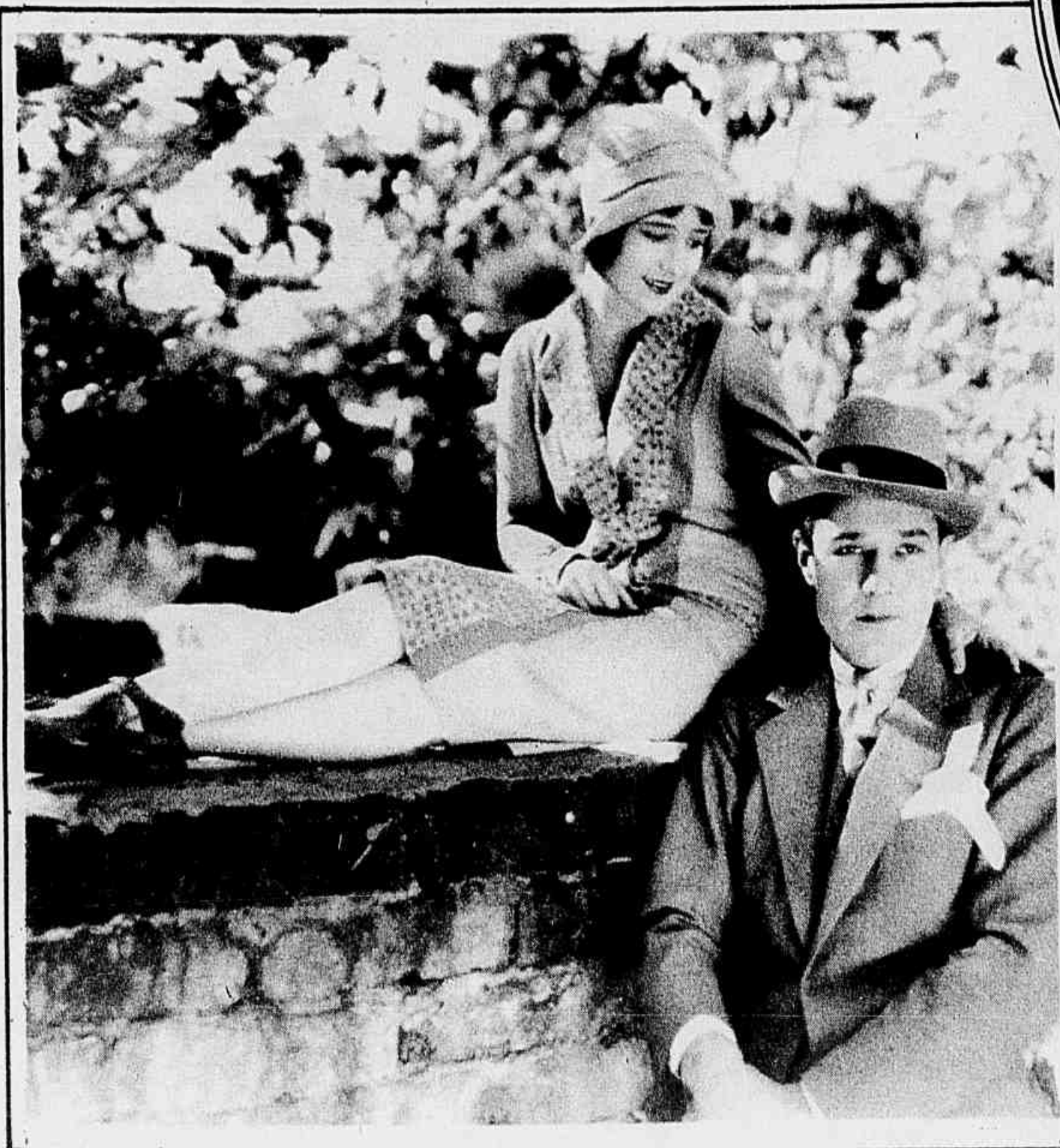
(THE SMART SET)

FILM DA M. G. M. — DIRECÇÃO DE JACK CONWAY

Tommy	William Haines
Nelson	Jack Holt
Polly	Alice Day
Durant	Hobart Bosworth
Sammy	Coy Watson, Jr.
Cynthia	Constance Howard
Mr. Van Buren	Paul Nicholson
Mrs. Van Buren	Julia Swayne Gordon

Era tradicional a existencia de um membro da familia Van Buren no quadro de jogadores do Willowbrok Club organisação sportiva de pólo. Por isso, Tommy Van Buren, um estroina de capa e espada, um verdadeiro diabo nas traquinices e leviandades qué commettia diariamente, era o escolhido, agora, para que a familia Van Buren não deixasse de constar no proximo campeonato.

Tommy Van Buren, espirito travesso, petulante, não obstante ser extraordinariamente sympathico, punha em polvorosa todas reuniões a que comparecia, e um dia, como estivesse ainda de mais humor para tudo quanto é maluqueira, resolvel importunar Miss Polly Durant, uma encantadora creatura que pacatamente dirigia o seu automovel pela Park Avenue. Tommy, senhor de mil expedientes, irresistiveis, tudo faz para que a moça lhe dispense a sua attenção, até que consegue que ella lhe dê um empurrão por querer o rapaz pespegar-lhe um beijo na bocca. Ora essa, já era alguma cousa! E esperançado, Tommy decidiu não perder de vista aquella linda pequena, perseguindo-a em louca carreira com o seu carro, até

que ambos foram parar ao campo de jogos de pólo. Uma vez la, Polly teve uma surpreza e Tommv teve outra; aquelle rapaz endiabrado que acompanhara a moça, era nada menos o homem que iria substituir o velho jogador Durant, seu pae, nas competições do campeonato. E a surpreza mais difficil, porquanto a moça não estimaria o rapaz que tomara o logar de seu pae, numa posição em que elle fôra sempre victorioso, e que, agora, por causa da idade, lh'a negavam. Mas Tommy era afoito como poucas creaturas, e aquella noite mesma, lá compareceu elle a um baile porque Polly tambem estava lá. Em consequencia, a despeito das suas traquinices, Polly dá algumas esperanças a Tommy, mas como no correr das competições preliminares do jogo de pólo, o rapaz se revelasse cada vez mais presumpçoso, e chegasse até a offender Durant, seu pae, Polly procurou esquecel-o, emquanto Tommy, por seu turno, entregava-se ás suas escandalosas pandegas.

Um dia, Tommy tantas fez, tantos escandalos provocou com o seu genio descuidado e leviano, que foi expulso do quadro de jogadores do Willowbrook. Diante disso, o pae, envergonhado, pol-o para fora de casa.

Sem mais recursos alem do dinheiro que tinha no bolso, Tommy foi obrigado a fazer leilão dos seus animaes de jogo e de todos os seus utensilios de "sport". E — nisto estava a sua maior tristeza daquelle dia, alem da nostalgia que começava a sentir pelo desprezo de Polly, — seria obrigado a vender o seu "Pronto", um prodigioso poney que sempre lhe garantira os seus rumorosos triumphos no jogo. Tommy tudo faz para evitar a venda do "Pronto", mas quem comprou o poney foi a propria Polly, que comprehendera o desgosto que Tommy teria si o animal passasse para mãos extranhas. No dia seguinte é levado a effeito o grande jogo. Com o seu desenrolar, desenha-se cada vez peor a situação do Willowbrook. Decididamente, o melhor componente do quadro desse club era Tommy Van Buren, mas porque razão exteriorisava aquelle rapaz

(Termina no fim do numero)

OUTRA BOMBA DA RUSSIA...

No começo era Olga Baclanova. Depois do segundo film transformou-se em Baclanova. Com isso fez-se artista em Hollywood. Tudo muito simples como se vê.

Artista em Hollywood, no consenso unanime. Em New York o publico rompeu as suas luvas applaudindo "Carmencita and the soldier". Na Russia houve quasi um motim popular, quando ella representou "Pericola". Não que os motins sejam ali coisa extraordinaria, mas o trabalho de Baclanova o era.

Em Moscou, quando ella representa "Lesitrata", aquella dama grega que póde ser considerada a primeira "suffragette" classica, elles quasi põem o theatro abaixo com acclamações. Em Petrograd, que se chamava Petersburgo nos tempos em que governava o "Paesinho" — a sua "Fonte de Bachchisaray" faz os russos chorarem e cortarem as suas longas melenas.

Será isso arte ou technica? Technica ensinada por Nyemirovich-Dantchenko, fundador juntamente com Stanislavsky do Theatro de Arte Russa. Baclanova é a sua protegida, a "enfant gatée" do pequeno movimento do theatro russo, grande artista da escola realista. Ella vive a receber constantemente telegrammas solicitando a sua volta á patria.

"Baclanova representa uma technica nova? Si não é isso, a que deverá ella a sua arte scenica tão differente, tão soberba? Como póde ella roubar scenas sobre scenas a outro grande artista com Emil Jannings?" perguntava uma jornalista a Baclanova.

E'justamente o que ella faz em "The Street of sin". Jannings não parece incommodar-se com isso, ao contrario, deve gostar, pois que Baclanova será a sua "leading lady" em "Sin of the fathers". Si isso não é destemor, não sabemos o que seja.

"Não, não é arte nem technica. E' individualidade, a individualidade de Baclanova", responde a sua secretaria.

E Baclanova interveio:

"Na America do Norte" dá-se exactamente o opposto da Russia. Aqui cuida-es em primeiro logar do scenario, do fundo da peça, depois do guarda-roupa e afinal, em ultimo logar, da personagem.

No Theatro de Arte de Moscou, é por aqui que se começa". E Baclanova leva a mão ao peito, no ponto do plexo solar, a séde da vida, o centro da emoção. "A arte de representar russa dá a sua primeira attenção ao personagem; depois cuida do vestuario e, por ultimo, do scenario" (scenario no sentido de argumento).

Baclanova tem nos seus movimentos a graça de um felino. As suas pernas são de dansarina e os seus olhos, de um azul-pardacento ligeiramente inclinados para cima nas extremidades externas á maneira dos olhos orientaes, são profundamente mysticos. Olga nasceu em Moscou, filha de um pae que era ao mesmo tempo esculptor, pintor, violinista e director de fabrica, e de uma mãe cantora.

Olga Baclanova affirma que no seu trabalho ella procede como quem sóbe uma escada; a escada da emoção, qua galga degrão a degrão até attingir o tôpo. "Essa é a verdadeira arte de representar. Nada de falso. Não saltar um só degrão. Não se apressar".

Seis irmãos de ambos os sexos. Uma irmã em Riga, outra na Servia; um irmão morto na guerra, outro de quinze annos, que móra com a mamãe na Russia. O pae morreu.

Cabellos louros, em anneis curtos. Olhos de santa ou peccadora, á vontade; sorriso de uma seductora, graciosa dominadora, sem duvida "temperamental", accentuadissima personalidade, a revelar-se na alegria de viver.

"Si eu tivesse de representar um typo de doudivanas, proçederia como uma doudivana, declara Baclanova. Entraria numa sala como uma doudivana, sentar-me-ia como ella, efim adoptaria todos os gestos e attitudes de uma dessas estouvadas flores do "flirt" e da coquetterie feminina".

OLGA BACLANOVA SÓ NOS APPARECEU EM "MORTA PARA O MUNDO", MAS JÁ É MUITO CONHECIDA...

Baclanova que deve hoje andar a meia jornada da casa dos vinte, diz que aos dezesseis annos o seu desejo era entrar para o theatro. "E' preciso lembrar que na Russia não se considerava o palco uma bôa coisa para as moças. Meu pae e minha mãe, entretanto, sympathisavam com o theatro. Papae teria feito o mesmo, si o seu violino, seus pinceis e sua fabrica lhe dessem tempo. Minha mãe teve sempre grande vontade de representar. Minhas irmãs disseram que eu não devia usar o nome de Baclanova para não envergonhar a irmandade. Quando eu triumphasse, ellas ficariam muito contentes de ter o mesmo nome que eu. Assim com quatrocentos outros companheiros fomos a Dantcwenko, no Theatro da Arte, afim de nos submettermos ás provas.

Esse theatro foi formado em 1898 pelos expoentes da nova escola dramatica realista. Era ali que se reuniam Gordon Craig, filho de Ellen Terry e apaixonado de Isadora Duncan; Leon Bakst, Meyerhold e outros artistas.

Dantchenko pediu-nos que lessemos qualquer coisa, nós lemos, e depois mandou-nos recitar uma poesia. Foram quatro pessoas escolhidas, e eu uma dellas. Trabalhei com afinco Ganhava vinte e cinco rublos por mez, o que representa cerca de doze dollares em dinheiro americano. Ensaio e mais ensaio. Eramos como uma grande familia, nós os artistas, Dantchenko e os seus ajudantes; umas cincoenta a sessenta pessoas, divididas em duas secções. Um dos da velha escola que ainda ali se achava, foi-se quando chegamos, porém mais tarde outros voltaram e nós os achavamos "gente antiga".

Essa gente nova representava "Carmencita e o soldado", versão russa da "Carmen"; "Pericola", a fulgurante actriz russa de dois seculos passados; especie de "Camilla, a Perichole" de Thornton Wilder.

"No verão costumavamos ir passar tres mezes na Criméa descansando, mas nos nove mezes restantes trabalhavamos sem interrupção, representando todas as noites em Petrograd e outras cidades do paiz. Dantchenko decidiu introduzir o realismo na opera, de preferencia á pompa e enscenação que antes predominara e fundou o Theatro das Artes Combinadas de Moscou.

— Você sabe cantar, Baclanova? perguntou-me elle. Respondi-lhe: Dae me algum tempo, e procurei immediatamente Tarian

(Termina no fim do numero).

O VENENO DO "JAZZ"

HAUSMANN VIVIA FELIZ COM SUA FILHA ELSA...

(JAZZ MAD)

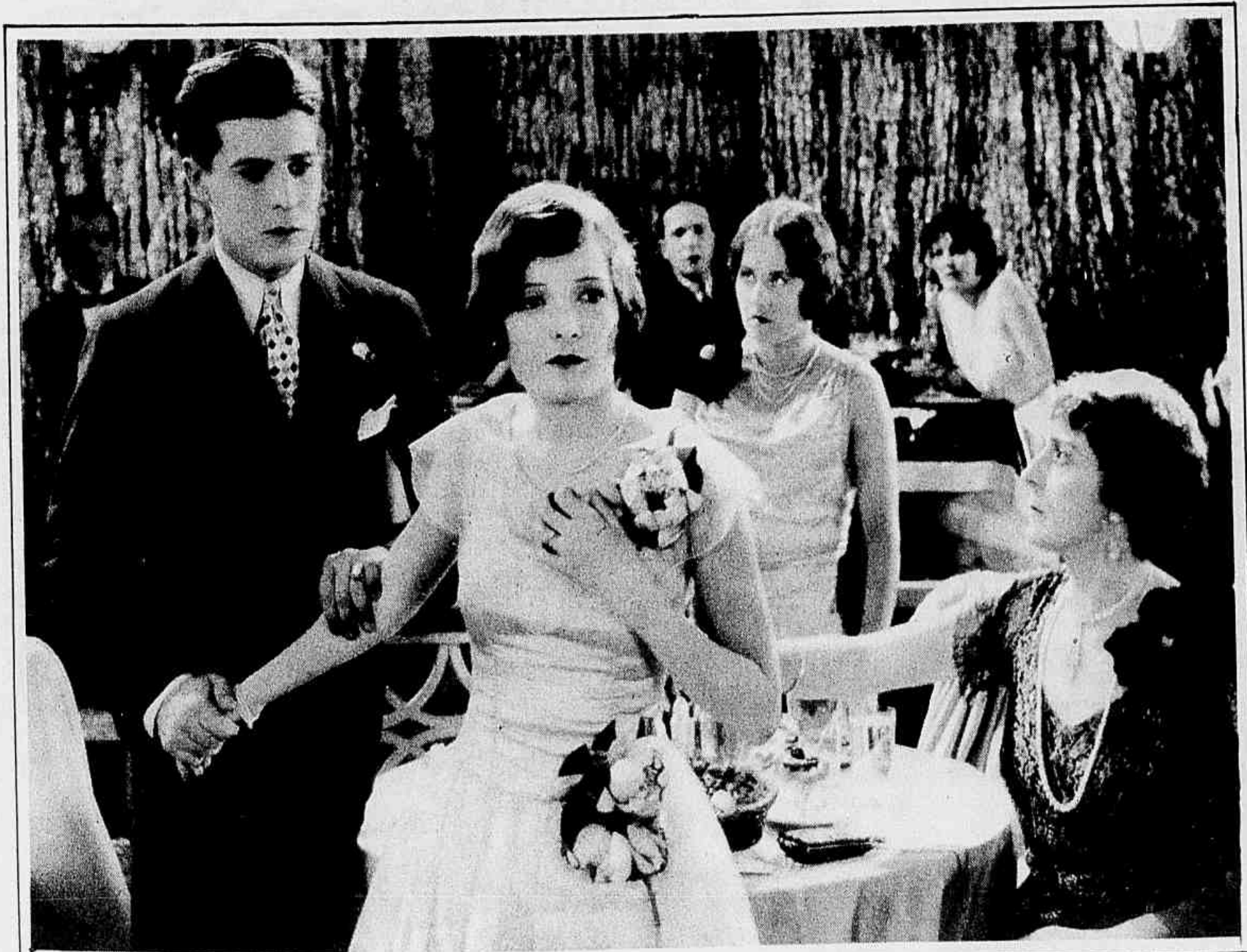
Film da Universal, direcção de F. HARMON WEIGHT

Franz Hausmann	JEAN HERSHOLT
Elsa Hausmann	MARIAN NIXON
Leopoldo Osberg	GEORGE LEWIS
Sol Levy	ROSCOE KARNS
Kline	TORBEN MEYER
Schmidt	ANDREW ARBUCKLE
Mr. Osberg	CHARLES CLARY
Mrs. Osberg	CLARISSA SELWYNNE
Miss Osberg	PATRICIA CARON

Franz Hausmann, genial compositor e professor de musica, era autor de uma symphonia maravilhosa, que em Nordlingen, seu torrão natal, era devidamente apreciada, sendo Hausmann considerado um benemerito. Mas como a localidade não dispunha de recursos para dar uma compensação monetaria adequada áquella vultosa obra, Franz Hausmann resolveu emigrar para os Estados Unidos, onde esperava collocar a sua composição pelo preço que merecia. Como, porem, o seu nome era completamente desconhecido na America, os interessados nem queriam tomar conhecimento da sua obra.

Para auxilial-o a atravessar a crise financeira, Elsa, sua filha, empregara-se como vendedora em uma casa de flores. Na casa em que Hausmann habitava, residia tambem um certo Levy, joven emprezario de artistas de cabaret e de jazz. Levy offereceu a Hausmann o logar de regente de uma orchestra de jazz num cabaret nocturno, proposta que este recusou por julgar que se rebaixaria.

Leopoldo Osberg, filho de uma familia de destaque de New York, travou conhecimento casual com Elsa, por quem sentiu-se logo attrahido, não tardando que se tornasse intimo da casa de Hausmann. De uma feita, este surprehendeu uma conversa de Elsa com Leopoldo, na qual aquella dizia-lhe que, sendo o unico arrimo de seu pae, não podia acceital-o por esposo emquanto elle precisasse della. Para que a filha fosse feliz, Hausmann acceitou a proposta de Levy, que anteriormente havia recusado.

E ELSA VIU SEU PAE ENTRE OS MUSICOS...

Uma noite, o pae de Leopoldo tinha ido em companhia de um freguez ao cabaret, onde teve occasião de ver um regente maltrapilho dirigindo uma orchestra composta de musicos exoticos, que ao executatem o seu numero, recebiam em vez de palmas, batatas e ovos podres. Com receio que Elsa desmanchasse o noivado, o pae occultara-lhe o facto de ter acceito a offerta de Levy, dizendo-lhe que havia vendido a sua composição e que ia todas as noites ensaial-a. A mãe de Leopoldo era admiradora dos homens que tinham talento musical e como o filho lhe tivesse confessado a sua paixão pela filha de um grande compositor, ella resolveu dar uma festa em sua residencia em honra do futuro sogro do filho. Ia a festa animada, quando o Sr. Osberg, chegando á casa e reconhecendo no homenageado o regente do cabaret, julgou que se tratasse de algum impostor. Sem denuncial-o e com o intuito de o desmascarar, combinou para que na noite seguinte, sua esposa, filha e filho em companhia de Elsa, assistissem o espectaculo do cabaret. Innocentemente todos se divertiam a

(*Termina no fim do numero*)

Pergunta-me Outra...

MADGE BELLAMY...

ROSA DEL RIO (Curityba) — Você não tem sido leitora assidua como diz, declarando que nunca publicamos retratos de Dolores Del Rio. Quanto ao concurso, dirija-se á respectiva secção.

DON ALVARADO (União da Victoria) — Em "Anjo das ruas", por exemplo, Lia apparece como extra. A Helios-Guará promette um film para breve. Quem é esta directora da Paramount? Nunca a vi mais gorda!

ERNANI (Campos) Lia é Fox Film Western Ave., Los Angeles California. Marano não está mais no Cinema.

PORPHIRIO SANTOS (S. Paulo) — Nada podemos fazer senão entregar suas photographias. Se quizer tentar, é envial-as.

JAYME (Rio) — Este annuncio é velho e não sabia que ainda continuava a ser publicádo. Vamos dar uma nota.

MYSTERE — Você me poz "knock-out" com a sua carta. Na verdade, Gracia é tudo o que você diz e mais alguma cousa.

GAROTINHA (S. Paulo) — O S. João foi o Joseph Striker. Eu soube uma prrção de cousa sobre você, Garotinha! Já sei o seu nome e tudo! Mas tudo cousa boa, sabe? A sua ultima cartinha vale 2 milhões, escreva mais.

DON JOSE' (Santa Rita do Sapucahy) — Era da Pathé N. Y. Faz bem.

ZID COLMAN (S. Paulo) — 1° Parece que sim. 2° Ainda não li a respeito. 3° 9 de Fevereiro de 1899. 4° Breve, breve. 5° Sim, Ronald Colman é casado. Thelma Raye é a sua esposa...

JORGE (M. Aprazivel) — 1° Nem tanto. 2° Acho. 3° Acho. 4° Ah, isso não acho, não! 5° Acho e não acho.

MARINA STELLA — Ramon, M. G. M. Studio, Culver City. California. Elle responde, sim.

J. JUCA (S. Paulo) — Se eu acredito? Ora seu Juca, o Cinema Brasileiro já venceu. E' que você ainda sabe pouco. "Barro" e "Braza", são filmzinhos de "chuca-chuca" perto das proximas producções da Benedetti e Phebo, respectivamente.

CLARINHA BOWSINHA (Rio)—"Braza Dormida" é provavel que já seja exhibida este mez no Pathé Palace. Demorou porque havia contractos a assignar, copias a fazer e outras cousas mais. Mas calma, o film vae já e o Cinema Brasileiro está pisando firme. Não tenho o endereço delle. Apparéça com um nome só...

ELY (Rio) — 1° Dolores del Rio fala inglez, hespanhol e francez. 2° Todas, Paramount Studio, Marathon Street, Hollywood, California. 3° Cartas para os Estados Unidos, 300 réis de sello.

THOMAS (Pedregulho) — Lya e Olympio, Fox Studio, Western Ave., Hollywood, California. Dolores Del Rio, Tec Art Studio, Melrose Ave., Hollywood, California. Billie Dove, F. N., Burbank, California. Olive Borden, F. B. O., Gower Street, Hollywood, California.

ODILON (Barbacena) — Gracia e Reynaldo, Benedetti Film, R. Tavares Bastos, 153, Rio. Eva Nil, Cataguazes, Minas. Luiz Soroa, Phebo B. Film, Cataguazes, Minas. Nita Ney, aos cuidados de "Cinearte".

LADRÃO DE BAGDAD (Manáos) — Lily Damita, U. Artists Studio, N. Formosa Ave., Hollywood, California. Norma Shearer, M. G. M. Studio, Culver City, California. George, Fox Studio, Western Ave., Hollywood, California. Retratos, não podemos arranjar.

RYDAN (Rio) — Não posso zangar-me com você. Gracia responderá, calma. Ella parece a estréa de "Barro Humano", que aliás teve a sua filmagem parada ha mais de um mez. Para os americanos, em inglez.

MARIA (Rio) — Don Alvarado, Columbia Studio, Gower Street, Hollywood, California. Lily, U. Artists, N. Formosa, Hollywood, California. Mary Philbin, U. City, L. A., California. Dos outros não sei agora.

MOACYR PINHEIRO (Maceió) — Todas as cartas são respondidas. Tambem penso, mais ou menos, como você. Escreva sempre.

P. J. FERREIRA (Bello Horizonte) — Porque ainda não temos um correspondente. Quer treinar? De facto o film é fraco, mas fica muito longe do que já tem produzido.

ABEYLARD (Curityba) — A chronica está fraca ainda. Demais não o conhecemos o sufficiente para tal encargo.

SFRIP (?) — Mary Nolan, Universal City, L. A. Cal. Dolores Costello, Warner Bros., Sunset and Bronson, Hollywood, California. Fay Wray, Paramount, Marathon Street, Hollywood, California. George O'Brien, Fox Studio, Western Ave., Hollywood, California.

EZILDA (Cantagallo)—Pode enviar. Helena de Troya só para o anno, talvez. Sahirá de de Ramon. De Ricardo ainda não se sabe.

KARL (Rio) — Joan Crawford, M. G. M. Culver City. California. Vilma Bank, United Artists. N. Formosa Ave., Hollywood, California. Charles Farrell, Fox, Western Ave., Hollywood, California.

J. G. de CARVALHO (S. Paulo) — Como vae você e onde andou? O mesmo sinto eu. O director é Humberto Mauro e não Bruno. Este é o seu irmão e que foi o galã de "Thesouro". Aliás, elle ainda possue outro irmão, o Harold que faz um "bit" em "Braza" e em "Barro". S. Paulo Ideal Film, é, na verdade, o que diz. Precisamos de gente que faça Cinema e não escolas.

SCENAS DO FILM DE GLENN TRYON E PATSY RUTH MILLER — "LEAVE IT TO ME"

Marianne, creada e educada numa fazenda, longe de sua mãe, não tinha com esta affinidades muito sensiveis.

Quando ella teve, finalmente, que ir para Paris, em companhia de um admirador de sua mãe, Legrande, do Theatro Legrande, acompanhou-a como um quasi parente... A mãe recebeu-a friamente, quasi com aborrecimento pelo novo encargo que a filha lhe trazia.

Neste ambiente as ardencias amorosas de Legrande se inflammam com facilidade, mas por uma declaração de amôr feita com liber-

E CONVIDA-A A CEIAR...

A MULHER

(THE DIVINE WOMAN)

MARIANNE .... GRETA GARBO
LUCIEN .... LARS HANSON
MONSIEUR LEGRANDE .... LOWELL SHERMAN
Mme. PIGONIER .... POLLY MORAN

dade, recebeu da rapariga uma resposta energica, a guarda-chuva....

Marianne julga ter morto o conquistador e, aterrorisada, sáe cor

Um delles, Lucien, convida-a desde logo para ceiarem ambos num restaurante de Montmartre.

E como está dito que não ha como a mesa para fazer amigos, sahiram os dois dali louquinhos um pelo outro. Lucien levou-a, depois, para a casa de sua amiga Mme. Pigonier, proprietaria de uma lavanderia. E ahi fica Marianne tendo casa em troca dos seus serviços.

Marianne recebe festivamente o joven, soldado no seu quarto, e

(Termina no fim do numero)

LUCIEN VOLTA, DEPOIS DE CINCO ANNOS...

DIVÍNA

Film da Metro Goldwyn, direcção de Victor Seastrom

PAULETTE .... PAULETTE DUVAL
Mme. ZIZI ROUCK .... DOROTHY CUMMING
JEAN LERY .... JOHN MACK BROWN
GIGI .... CESARE GRAVINA

rendo, porta afóra, indo cahir num grupo de soldados que se divertiam alegremente.

Dez Annos Como "MY GIRL"...

BETTY COMPSON AINDA PÔDE DEIXAR O CINEMA POR CAUSA DOS PAPEIS DE "MY GIRL" QUE LHE TÊM SIDO ENTREGUES..

Betty Compson tem sabido fazer-se pagar nos seus dez annos "tortuosos" de Cinema. O anno passado entraram na sua bolsinha cento e setenta mil dollares.

Ha tres annos vem ella ameaçando recolher-se á vida privada, e não fosse o seu absorvente interesse pela téla, ha muito teria ella se despedido della. Pessoas autorizadas affirmam que Betty já augmentou a sua fortuna de cerca de um mihão de dollares, só com os productos de atilada complicação de capitaes em propriedades immoveis. Repetidas vezes tem ella annunciado a sua intenção de abandonar a actividade profissional e viajar, mas logo surge a offerta de um papel que lhe agrada immensamente e ella não sabe resistir.

No decorrer dos seus dez annos de artista, depois do "Homem Miraculoso", Betty tem interpretado uma serie de pequenas, que estão longe de ser ingenuas, mas que tambem não podem ser estrictamente classificadas como vampiros.

"A minha fraqueza de vontade tem-me impedido de deixar o Cinema, declarava ella recentemente a alguem que a inquiria sobre esses propalados boatos. Eu não teria durado mais de cinco annos, nem talvez isso, como ingenua. Todavia não seria licito classificar-se "my girl" como uma estereotypia de vampiro. Betty refere-se a essa personagem mystica que ella creou como "my girl" e da qual confessa gostar immensamente.

"My girl" é um typo sui generis com uma psychologia differente da vampiro, cuja unica occupação é destruir a felicidade dos lares. A menos que não seja compellida pelo ciume, "my girl" não usa de taes trucs vulgares.

"Ella nunca realiza a maldade, apenas pelo prazer de ser má. Muitas vezes ella é simplesmente uma victima das circumstancias. Ella é moralmente "má" levada pelo amor ou encontra-se entre ladrões e scrocs e não conhece um mundo melhor.

"Tentei ser bôa, uma ou duas vezes, mas fui apenas insipida, sem convencer. "My girl" é é uma creatura de espirito vivo, mas sem pensamentos. "My girl" é para mim sempre a mesma, com as devidas modificações em cada film. Talvez, que subconscientemente ella se vá modificando com os annos. O que eu faço é apenas collocal-a num ambiente e em situações differentes, aos quaes ella se adapta, conforme as circumstancias.

"Eu nunca decaio, ella não deixa, fala Betty com um enthusiasmo verdadeiramente notavel numa creatura que vem a dez annos incarnando o mesmo typo de personagem na tela.

"E bom não esquecer, continua ella, que "my girl" é uma lady gatuna e guarda sempre uma boa apparencia, afim de conquistar a sympathia do publico e porque eu não gostaria de apresental-a jámais com outro aspecto. Procuro vestil-a de algumas boas qualidades, tal como a generosidade, por exemplo. E' preciso que o publico a estime e comprehenda os seus problemas. Deve estar com ella e não contra ella.

"Oh! sim, muitas vezes ella é obrigada a regenerar-se, a se tornar "gaga" para o "fade-out." A's vezes a sua regeneração é plausivel e nobilitante — num grande drama de sentimentos, um profundo amor. Mas "my girl" é mais interessante, quando a deixam agir livremente de maneira logica. Não, raramente ella é capturada. Em geral, ella perde alguma coisa e ganha outra. Si realiza um acto de sacrificio proprio e abandona o homem da sua paixão á sua rival ingenua, ella resurge do sacrificio um caracter mais nobre e mais forte. Ella deve ser sempre a figura central de um conflicto, pois que sob as suas maneiras apparentemente frias, ella occulta emoções profundas.

Nos cinco primeiros mezes deste anno Betty Compson fez films, sendo, "The Desert Bride", da Columbia, "The Big City", de Lon Chaney; os outros dois eram do genero "quickies (films ligeiros). Ha alguns annos, quando Betty começou a acceitar offertas para esses "quickies", vieram os commentarios de que ella estava decahindo. Betty foi uma das primeiras a não se envergonhar de estacionar o seu carro á porta dos Studios menos pretenciosos. Depois disso tornou-se mesmo reprehensivel apparecer uma artista num "quickie", e hoje é quasi moda.

E' de duvidar que os taes commentarios a tivessem preoccupado, pois Betty não é creatura que se deixe incommodar facilmente.

"Que me importava eu, declara Betty, quando se lhe fala a respeito dos "quickies". Elles me offereciam bôa remuneração e algumas situações seductoras a "my girl". Betty ganha de seis a dez mil dollares para fazer um "quickie", um desses films que são feitos em duas semanas ou menos. Diz ella, entretanto, que tem trabalhado por menos dinheiro para companhias independentes de menor importancia, quando certos papeis a interessam.

Betty aponta Anna Q. Nilsson, como uma artista capaz de disfructar a posição que occupa emquanto quizer, em virtude do seu trabalho movimentado e da sua preferencia pelas mulheres que "contribuem" para o desenvolvimento do enredo, em vez daquellas que esperam que o enredo as arraste.

O casal Cruze — pois como sabem, Betty é mulher do director James Cruze — é um dos pares mais interessantes de Hollywood. Jim é um typo dynamico, de physico delicado, espirito saltitante, impetuoso e de maneiras cordiaes; Betty é um espirito cheio de vivacidade mas sem arrebatamentos. Jim é um furacão, Betty, um desses pequenos ventos de tempestade num valle, que redemoinham num determinado ponto, perfeitamente consciente do que significa a sua agitação.

Desde o momento em que viu a representação da peça de theatro "The Barker", Betty manifestou logo o desejo de fazer o papel de "Carrie", e teve a promessa desse papel, quando a First National adquiriu esse successo do palco para Milton Sills.

"Eu sou uma especie de "volta-atraz", declara Betty. "Carrie" é "my girl", antes mesmo de se tornar uma ladra. Ella gosta de "The Barker". Ella não é moralmente uma bôa rapariga. Elle lhe pertence. Ha um espectaculo carnavalésco — coisa vulgar. Elle é todo d'ella. "Carrie" é tão vulgar e resplendente exteriormente, quanto o seu scintillante vestido, mas é uma doce creatura até o momento em que apparece o filho do "Barker" e que este a abandona envergonhado. Furiosa, ella atira a sua camarada intima, uma dessas mulheres sem escrupulos, sobre o filho do homem, ardendo em vingança. O ciume, como vêdes, é o seu motivo.

"Estou encantada com esse film, declara Betty. Temos um admiravel elenco com Dorothy Mackaill".

„DOIS VALIENTES... DE GARGANTA"

Nas montanhas de Ozark com arvores frondosas e campos verdejantes que proporcionavam aos seus habitantes o prazer contemplativo de bellas paisagens, viviam ha muitos annos dois fazendeiros que se odiavam mutuamente. Um chamava-se Abner Beaglius e tinha seis filhos e uma filha e o outro chamava-se Joshua Camponius e tinha dois filhos, Jim e George.

Jim andava loucamente apaixonado por Mary, filha de Abner, e numa bella tarde de Maio segreda-lhe ao ouvido:

— Amo-te, Mary! Vem commigo! Havemos de encontrar nossa felicidade além das montanhas.

— Não posso, querido Jim. Quando minha mãe morreu prometti-lhe ajudar meus irmãos e de evitar o mais possivel a guerrilha que meu pae faz contra o teu! . .

— Mary, teus irmãos já são homens e não precisam de ti! Vem commigo!

— Não me atrevo! Tenho medo de meus irmãos!

E' neste momento que ambos notam que Joseph Beaglius estava escondido atraz delles. Num salto Joseph apodera-se da irmã empurrando Jim e leva-a á presença do pae, que, depois de informado do que se passara, decide reencetar a guerrilha. Os seis filhos acompanham-no e assim que chegam a casa de

("HE BIG KILLING")

FILM DA PARAMOUNT

Direcção de F. RICHARD JONES

Frank, "O Marreta" . . . . WALLACE BEERY
Fred, "O Martello" . . RAYMOND HATTON
Abner Beaglius . . . . ANDERS RANDOLPH
Mary Beaglius . . . . MARY BRIAN
George Camponius . . . LANE CHANDLER
Joshua Camponius . . . . PAUL MacALLISTER
Jim Camponius . . . . GARDNER JAMES

Depois de ver os exercicios de tiro ao alvo, os quaes, sem G e o r g e saber eram habilmente executados por meio de logros e chapas falsas, não empregando os "celebres" atiradores senão cartuchos sem balas, o joven montanhez resolve pedir-lhes para o auxiliarem a defender seu pae Joshua contra os ataques a mão armada de Abner Beaglius e seus seis filhos, mediante uma remuneração de duzentos dollares.

Frank e Fred acceitam e assim que chegam á fazenda de Joshua mostram-se visivelmente satisfeitos por poderem passear por campos que pareciam tapetes de velludo verde.

— Meu pae, diz-lhe George, estes senhores são dois atiradores celebres!

— Muito prazer em conhecel-o, affirma Frank, mas primeiramente queira pagar-nos os duzentos dollares. Precisamos de dinheiro.

(*Termina no fim do numero*)

Joshua Camponius, o pae, ameaçadoramente, brada:

— Vim sómente prevenil-o que vou reencetar a guerrilha!

— Encontrará homem pela frente, contesta Joshua!

— Não podemos continuar a ser visinhos! Mude-se daqui!

— Recuso, apesar de saber que vocês são sete contra tres!

— Concedo-lhe algumas horas para se mudar. Amanhã ao alvorecer não quero encontral-o aqui! Nem a si, nem aos seus dois filhos!

Dito isto Abner Beaglius retira-se e Joshua pede ao seu filho George para ir comprar mais polvora na pequena cidade de Maydale.

George parte e ao chegar á cidade, onde, nesse dia, havia uma feira com barracas de sortes e theatrinhos, compra primeiramente a lata de polvora e como nunca vira uma feira, resolve divertir-se durante meia hora. Na primeira barraca o joven montanhez lê o seguinte annuncio:

Feira de Maydale. — Venham ver os celebres atiradores Fred, "O Martello", e Frank, "O Marreta"!

São os unicos que empregam cartuchos com balas de aço em todos seus exercicios de tiro ao alvo.

Um dia o senhor Bowers, presidente da Bonfillia Cosmetic resolve dar uma opportunidade a Jack. Elle exulta e no dia mês mo em que recebe tão grata noticia vae com Mildred festejal-a num restaurante chic.

Lá encontram Renrod e, por palavras ditas sem o devido cuidado, inteira-se a joven de que o chefe de vendas da companhia é na realidade um espião e director da companhia rival, a Floradora.

Mas não se manifesta ella a respeito dessa grave e delicada trama.

Quando Jack vae emprehender sua primeira viagem, Renrod instrue-o lá a seu modo, com o fim duplo de estragar-lhe o negocio e perdel-o pessoalmente.

Mildred, porém, está de sobreaviso, e tambem pelo seu lado, mesmo ao noivo nada revelando, altera os planos perversos de Renrod. O resultado foi o mais imprevisto.

Jack obtem um successo nunca conhecido por outro estreante de vendas.

Uma vultosa remessa de crêmes para a pelle é feita para a localidade em que Jack se encontra. Jack, não conhecido ainda da freguezia, encontra enormes difficuldades de se approximar do comprador.

Quando chega á sua presença tem que lamentar ter chegado antes o vendedor da companhia Floradora.

A perspectiva é a de um irremediavel desastre na sua carreira apenas iniciada de caixeiro viajante.

Communica ao escriptorio a triste occorrencia, della sendo scientificado o presidente pela propria Mildred.

Mas é que ella tem concebido

AVENTURAS DE UM COMETA

(SMILE BROTHER SMILE)

Film da Metro Goldwyn, direcção de JOHN FRANCIS DILLON

JACK . . . . JACK MULHALL
MILDRED . . . . . . DOROTHY MACKAILL
BARNES . . . . T. ROY BARNES
RENROD . . . . PHILO McCOLLOUGH
BOWERS . . . . E. J. RATCLIFFE
SAUNDERS . . . . . . ERNEST HILLIARD
POTTER . . . . HARRY DUNKINSON
DAISY . . . . YOLA D'AVRIL

Jack Lerrey, empregado na Bonfillia Cosmetic Company, faz questão de ser vendedor, mas é grande e justo o seu descontentamento, porque Renrod, chefe de vendas, deu agora para pretender conquistar sua namorada Mildred, tambem empregada na companhia.

E' certo que a moça não mostra nenhuma sympathia por Renrod, mas ainda assim Jack não deixa de viver com elle muito prevenido: no amor como no trabalho.

um plano que mudará de prompto a physionomia dos factos. Instrue a este respeito o noivo, afim de que elle vá fazer a demonstração do artigo de accordo com o modelo que ella envia para uma determinada casa de alta elegancia.

Chega o modelo, realmente, na manhã seguinte.

Jack distribue convites para a demonstração, e na hora de fazel-o tem o prazer de ver presente, entre os demais interessados, o freguez que tão grande pedido fizera ao vendedor da Floradora e pela conquista definitiva do qual vem lutando de longa data as duas companhias.

Apparece então o modelo, que não é bonito nem veste bem. Ninguem chega a comprehender! Mas de subito na frente do modelo atravessa-se a linda e seductora Mildred que, como nota de reclame sensacional, denuncia a felonia de Renrod, a sua traição, os seus indefensaveis processos commerciaes.

O presidente Bowers não é insensivel aos serviços de sympathico par. Concede a Jack uma bellissima posição que este depõe, com a maior alegria, aos pés de sua incomparavel Mildred.

O. P. (Especial para *CINEARTE*)

FIGURINOS

D E

CINEARTE

RENÉE ADORÉE

FLORENCE VIDOR

MARCELINE DAY

O QUE SE EXHIBE NO RIO

IMPERIO

CANTANDO VEM, CANTANDO VÃO — (Easy Come, Easy Go) — Paramount — Producção de 1928.

E' uma comedia com Richard Dix a fazer as caretas do costume. Não tem um fundamento muito forte, mas apresenta bôas situações comicas. Esmiuçada nos seus detalhes o resultado será um desapontamento. Tomada no seu conjuncto, entretanto, agradará a todos os **fans** de Dick. A maneira como elle é envolvido num roubo como cumplice de Charles Sellon é natural e dá optimas opportunidades para magnifico desenvolvimento comico. E Franck Tuttle aproveitou bem a situação. As scenas do trem, então, são estupendas. E note-se que em quasi todo o film quem domina é Charles Sellon, que quasi rouba para si todo o film. A sequencia do sanatorio tambem diverte. Podem ver. E' uma bôa e movimentada comedia. A heroina de Richard é a formosa lourinha Nancy Carroll. Mais outra para acabar de enlouquecer os **fans**. Frank Currier, Arnold Kent, Joseph J. Franz, Christian J. Frank e Guy Cliver tomam parte.

Nancy Carroll... Charles Sellon... Richard Dix... um trio magnifico num film com um titulo horrivel.

Cotação: 6 pontos. — P. V.

GLORIA

UMA TRAGEDIA DO POLO NORTE — (Milah, der Groenlandjaeger) — Ufa — Producção de 1927 — (Prog. Urania).

Este film é documentario e dramatico ao mesmo tempo. A sua parte de enredo foi feita depois, sob a direcção de Asagaroff, que conseguiu algumas habeis reconstituições. Como documentario attinge em parte o seu objectivo. Apresenta bellissimos aspectos da immensas planuras e das altas montanhas das gélidas regiões do norte da Groelandia. Um rapido apanhado da vida dos esquimáos tambem é revelado. Quanto á parte dramatica é interessante. Mas pela propria natureza da acção, não consegue prender a attenção vivamente.

Serve apenas de pretexto para a exhibição, das majestosaes paisagens de gelo. E' sómente um enfeite que a gente olha com um pouco de sympathia.

Rinar Larsen, Arne Ericksen, Ruth Weyher, Lotte Lorring, Iris Arlan e Robby Robert tomam parte. Bôas as scenas filmadas no studio da Ufa.

E' um refrigério optimo para os dias de calor. Mas tomem cuidado para não se constiparem...

P. V.

CAPITOLIO

CURA-SE AMOR COM AMOR — (His Tiger Lady) — Paramount — Producção de 1928.

Adolphe Menjou apresentou-se numa série tão admiravel de films delicados e cheios de subtilezas, que, agora, para manter o seu nome na altura a que o elevou, tem que fazer esforços extraordinarios. Este film é mais uma tentativa fracassada para alcançar esse objectivo. A historia é fraca. Muito fraca mesmo. Ou por outra, a situação de um simples comparsa apaixonar-se por uma duq ueza inatingivel é bôa.

Desenvolvida, entretanto, seria um colosso. Como está apenas é um fiozinho muito delgado de enredo. Entretanto, o film tem as suas bôas qualidades. A caracterização de Evelyn Brent, por exemplo. Mulher esphinge... tentadora enigmatica — brasa dormida... E como ella representa! Sinuosamente... cleopatramente... Na scena em que recebe Menjou vae botar muita gente maluca Adolphe Menjou guarda a linha de sempre. Apenas achei que o turbante lhe tirou o poder expressivo do rosto. Tornou-o impassivel, frio. Hobart Henley dirig'iu bem e mal ao mesmo tempo. Elle soube tirar partido da ironia e mordacidade do argumento. Mas não soube dirigir Menjou... As scenas dos bastidores são optimas. O final faz pensar.

Vão ver Menjou fantasiado de Maharajah...

Cotação: 6 pontos. — P. V.

SEDUCÇÃO DO PECCADO — (Sadie Thompsom) — United Artists — Producção de 1927.

Um thema admiravel, mal aproveitado, Gloria Swanson, tão differente da Gloria Swanson que estamos acostumados a vêr, apresenta um trabalho formidavel e ella, só ella, é todo o agrado e valor do film.

Ha alguns "primeiros planos" seus, que são maravilhas de arte. Pena a adptação e a figura de Raoul Walsh como galã. Felizmente este film ainda não é falado.

Cotação: 7 pontos. — A. R.

PARISIENSE

A RAINHA DO VARIETE' — (Die Konigin der Varieté) — Ewe Film — Producção de 1927 — (Prog. V. R. de Castro).

Uma movimentada comedia dramatica allemã. A sua acção desenvolve-se parte nos bastidores de varios theatros.

Não tem o luxo que merecia. O director Johannes Guffer não soube dar a seducção que todas as suas scenas requeriam. Elle não soube injectar o que os americanos chamam de **pep**... O que em outras palavras quer dizer **it**... Entretanto, apesar dos exaggeros muito communs das comedias germanicas o film constitue bom divertimento para certa platéa. O scenario não é dos peores... Os letreiros são numerosissimos... Mas não façam caso... Ellen Kurty é a estrella. E' pena que não a saibam photographar... Os seus **close ups** podiam ser maravilhosos...

Harry Halm é um bonito rapaz. Helene Hallier é quasi fria...

No final apparecem uns trechos conhecidos extrahidos de varios jornaes cinematographicos. E pretendem que sejam scenas da representação da revista de que fala o film.

E' um processo já muito conhecido, **seu** Vital...

Cotação: 5 pontos. — P. V.

Verdun — Não merece muitos commentarios. São desses trechos de films naturaes da guerra, copias de umas provas contratypadas de uns positivos copiados de uns contratypos, reunidas de fórma a dar a entender que a guerra foi mesmo, um buraco, que a gente só deve querer paz e admirar o heroico exercito francez.

E' verdade que tem os seus apanhados realmente interessantes, mas a maior parte é cacete e aborrece pela falsa compilação das scenas.

Por muito menos houve a propria grande guerra.

E como foi horrivel esta guerra! Deu motivo a tantos films assim...

Estes passeios do meu amigo Vital a Paris, fazem-lhe muito mal... — A. R.

RIALTO

FILHINHA QUERIDA — (The Patsy) — M. G. M. — Producção de 1928.

Historia commum. Muito commum até. A sua heroina tem parentesco com a Gata Borralheira. E' a irmã mais moça sacrificada em proveito da mais velha. Em tudo, o amôr, inclusive. Ella, porém, não é tola não. Reage. E a sua reacção é que transforma a historia. Passa a ser a historia dos caprichos de uma filhinha querida. Uma menina levada da bréca. E sem apresentar mãos exemplos. Diverte apenas...

O material não era proprio para King Vidor, o genial criador de "A Turba". Servia antes para um director de comedias. Mas o fracasso financeiro daquella obra-prima o obrigou a tomar a direcção de "Filhinha Querida", **malgré tout**... E elle poz mãos a obra. E trabalhou como sempre o fez, em proporções menores desta vez, está visto. Os representantes da **Bilheteria** não o perderam de vista um só instante...

Assim mesmo, elle começou por atirar a um canto o scenario de Agnes Christine Johnston, segundo ella propria declarou, no **New York Times**. Iniciou a filmagem pelo mesmo methodo de sempre. Com os punhos algemados, entretanto. Ainda assim conseguiu dar o mais perfeito, o, mais harmonico equilibrio á comedia e ao drama. Imprimiu os seus caracteristicos toques humanos. No desenvolvimento natural e suave do film notam-se em todas as sequencias os signaes caracteristicos de sua direcção. Aquellas scenas da primeira sequencia são admiraveis de naturalidade de observação.

E a ironia com que mostram os defeitos de Marie Dressler, Dell Henderson e Jane Winton, apparentemente tão puras almas? E o typo de Dell Henderson? E a incrivel naturalidade da representação? Os artistas dirigidos por King Vidor realizam perfeitamente o que manda Charles Chaplin — elles não representam: vivem os seus papeis. Ademais, si não bastassem as qualidades que já citei, "Filhinha Querida" seria digno de ser visto só pelo detalhe da campainha, sempre desarranjada. Detalhe que de um só golpe descreve a especie da familia de Marion Davies e o caracter de Orville Caldwell.

Bem, eu não quero continuar a elogiar o director... O film é bom. Diverte. Agrada. O seu estylo é leve. O seu scenario traça um bom estudo de caracteres. Apresenta perfeito equilibrio de comédia e de drama. E encerra um pouco de ironia, tambem. Ha um ou outro incidente comico um tanto exaggerado. Mas não chega, absolutamente, ao **slaps-tick**.

Agora, chegou a vez de Marion Davies. E' um dos seus melhores trabalhos para a téla.

Marion é extraordinaria. E' uma comediante incomparavel. E' um **Chaplin** de saias, quasi. E' seu todo seu o modo como representa. Ninguem como Marion sabe dar graça e encanto aos mais simples gestos e movimentos.

Em **Filhinha Querida** ella não se contenta em continuar a ser a Marion Davies de sempre, com todas as qualidades que citei e outras mais de que me não lembro agora... Ella resolveu ir além. E quasi no final imita tres das maiores figuras da téla — Lillian Gish, Pola Negri e Mae Murray. E' um pouco forçada a inclusão dessas imitações na acção.

Mas não faz mal. Marion soube fazel-as de tal modo que a gente perdôa até a propria **Bilheteria**...

Dell Henderson tem um optimo desempenho. Marie Dressler nem parece a exagerada de tantos films. Lawrence Gray trabalha pouco mas bem. E Jane Winton é a linda mulher de sempre... Vocês não devem perder este film. Elle pertence a King Vidor e a Marion Davies. Vão correndo...

Cotação: 6 pontos. — P. V.

ROSE MARIE — (Rose Marie) — M. G. M. — Producção de 1928 — (Prog. M. G. M.)

"Rose Marie" alcançou a téla um pouco tarde. Não é mais que um novo film genero Policia Montada do Canadá... Os mesmos typos. Os mesmos **shots** de montanhas e de florestas. Indios. Patifes. Vendedores de pelles. E os famosos guardas que já estão ficando mais desmoralisados que as mães soffredoras... O que salva o film é a presença da maravilhosa Joan Crawford. Aliás, a sua caracterização não é das mais fracas. A sua hesitação na escolha de um homem... E a sua vaidade... São traços caracteristicos genuinamente femininos.

Mas isso a gente quasi não nota. O que a gente vê é Joan Crawford. E só ella. Qual! quem derreteu aquelle gelo todo foi mais é ella! Que pequena! Ella e Dolores Del Rio! Joan Crawford vale o film inteiro! Dizem que a obra musicada foi modificada. Foi pouco! Si modificassem mais ainda o film seria melhor...

E' um melodrama. Tem movimento. Suspensão. Perseguições. Correrias. Fugas. E' um pouco complicado até. Não gostei da scena em que Joan Crawford canta para ser ouvida por James Murray. Pela distancia só um Vitaphone daria conta do recado... E Joan sussurra apenas... Agora, pensando bem, antes assim. Ella é tão linda! Mais um **close up** não faz mal a ninguem. House Peters, Graighton Hale Polly Moran, Gertrude Astor, Gibson Gowland tomam parte. Joan Crawford mata só com o olhar...

Cotação: 5 pontos. — P. V.

PATHE'

ROSA DA MEIA NOITE — (Midnight Rose) — Universal — Producção de 1928.

Coitada de Lya de Putti! Nunca tive tanta pena della! E do pobre Kenneth Harlan tambem! Não julgava James Young um director assim mediocre. Capaz de dirigir tão péssimamente! A historia embora seja muito convencional não é das peores. E' do genero que está em moda agora — depois que "Paixão e Sangue" provou ser um successo. Mas o tratamento que recebeu é que é infame. As suas situações já um tantas falsas, sob a direcção de James Young, tornaram-se mais falsas ainda. E que péssima representação! Lya então está ridicula. Pobre Lya de Putti! Pobre Kenneth Harlan!

Cotação: 4 pontos. — P. V.

IRIS

A ULTIMA AVENTURA — (The Last Frontier) — Producers Dist. — (Ag. Paramount).

Exploradores de ouro contra indios pelles vermelhas etc. No genero, não é máu e o director foi George B. Seitz. Wm. Boyd satisfaz.

Farrel Mac Donald, faz rir.

Marguerite De La Motte num papel de pouca importancia.

Jack Hoxie como "Buffallo Bill" não é dos melhores.

Cotação: 5 pontos. — A. R.

OUTROS CINEMAS

QUEM CAÇA QUER COÇA — (The Will Goose Chaser) — (Pathé).

Uma comedia fraquissima com Ben Turpin, Charles Dorety, Dot Farley e outros.

Se acham que estou exagerando, não é preciso vêr o film. Basta olhar as photographias de reclame. E no Rio não ha estudantes paulistas para Cinemas que exhibem comedias como esta.

Cotação: 2 pontos. — A. R.

HELEN FAIRFATHER

PATSY RUTH MILLER

AGNES ALLISON E JOAN MARQUIS

VERA REYNOLDS

GERTRUDE OLMSTEAD

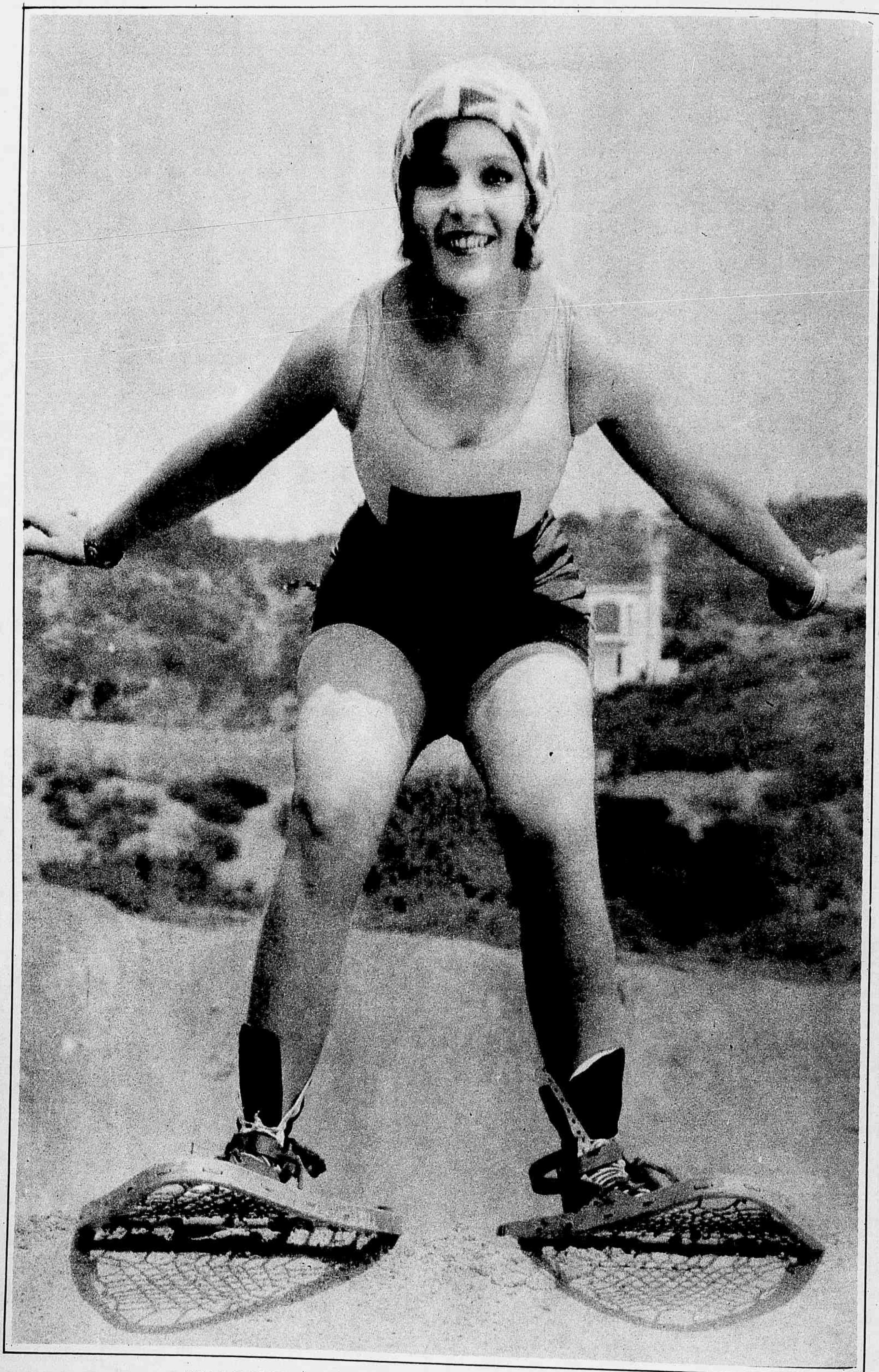
LO RAYNE DU VAL

YOLA D'AVRIL

COMMIGO NÃO, VIOLÃO!

MARCELINE DAY

CARMEL MYERS

DORIS DAWSON

...... SAE DA FRENTE! LA VEM SALLY BLANE NOS PATINS DA PUBLICIDADE..... ....

BLANCHE
CORINNE GRIFFITH.

FUMAR
E' UM PRAZER...

SWEET
GLORIA SWANSON...

LILY DAMITA, RONALD COLMAN E O DIRECTOR HERBERT BRENON.

OUTRA BOMBA DA RUSSIA...

(FIM)

Karganova, professora de canto, que hoje se encontra em Paris dando lições, e em tres mézes sabia o bastante para figurar no theatro lyrico. E então, quando me ouviram cantar a "Filha de Madame Ango", todo mundo correu á casa de Tarian e pedir-lhe que lhes ensinasse a cantar "como Baclanova".

Aprendi tambem a dansar, tomando lições de Mordkin, que fazia parte do corpo de bailado de Pavlova."

Baclanova acha-se na America do Norte ha dois annos e meio, tendo vindo com a *troupe* dos artistas do Theatro de Arte de Moscou, que arrebatou o publico de New York. De New York ella transportou-se a Hollywood, mas voltou depois para a metropole do Atlantico, enervada pelo clima tropical.

"Recebi então um telegramma de Maurice Gest, que me tinha sob contracto. Disse-me que eu devia representar "The Nun", em substituição a Diana Manners. Fiz-lhe ver que não conhecia a peça, que não tinha nenhum ensaio, e elle me respondeu: "Você é ou não artista?" Sim, era actriz, que duvida, respondi eu, e em quatro dias, com quatro ensaios apenas, dei conta do papel, representando "The Nun" quatro vezes em Los Angeles".

Baclanova ouvira falar do Cinemá. Um dia ella representou um pequeno papel, muito pequeno e o seu primeiro papel no film "The Dove", de Norma Talmadge. Depois trabalhou no "The Man Who Laugh", com Conrad Veidt, para a Universal.

"E achei que não me adaptava ao Cinema", diz ella.

Certa vez foi visitar Pola Negri, na occasião em que esta fazia "Hotel Imperial", dirigido pelo sueco Mauritz Stiller.

"O Sr. Stiller encarou-me e perguntou si éu não gostaria de trabalhar no Cinema. Ri-me: — Não, o Cinema não é para mim. Elle redargiu: — A Sra. vae ter um papel no film de Jannings, que estou fazendo.

Essa fita era o "The Street Of Sin". Baclanova trabalhou nesse film... e superlativamente.

Em seguida trabalhou com Pola Negri em "Morta para o Mundo". Depois disso mataram a "Olga". Em "Forgotten Faces", é apenas Baclanova a magnifica.

"Continuarei no Cinema, cinco annos talvez. Depois talvez abra um curso ou me dedique ao canto. Elles aqui não gostam de mulher velha na téla".

As mulheres americanas perdem o seu tempo com frivolidades. Festinhas, bailinhos, pequenos mexericos, pequenos casos. A mulher attinge a sua maior perfeição aos trinta annos. Na Russia é assim, porque ali a natureza é mais vagarosa. As mulheres se reservam somente para as coisas importantes. Conservam a mocidade do seu corpo com as massagens e a gymnastica".

Em Hollywood não ha festas para Baclanova. O seu tempo fóra da tela é para seu canto e para os prazeres da sua vivenda á beira mar.

"E não tenho tudo quanto desejo. Ha seis mezes que dirijo o meu proprio automovel, em três talvez me casarei com Nicholas Soussanin, tenho o meu trabalho; que mais posso querer?

Nicholas Soussanin tambem é russo, como meu marido, de quem breve obterei o meu divorcio. Conheci Nicholas em Hollywood. E' actor." Já o vimos nos films de Menjou, no "Hotel Imperial", na "Ultima ordem" e em "Ama-me como eu sou" com Esther Ralston.

O Veneno do "Jazz"

(FIM)

valer, quando, a um momento dado, Elsa reconheceu, entre as victimas das batatas podres, o pae.

Emquanto ella corria apressada para junto do pobre homem, a mãe e a irmã de Leopoldo retiravam-se aborrecidas e humilhadas, indo o noivo para junto de Elsa. Esta, porem, recusou os prestimos que aquelle lhe offerecia dizendo que queria estar a sós com o pae. Mme. Ostberg, ao chegar em casa, verberou o procedimento do esposo, ao que este respondeu que "para grandes males grandes remedios". Quando mais tarde Leopoldo chegou á casa paterna, o Snr. Ostberg ordenou-lhe que esquecesse a pequena sob pena de ser renegado.

O golpe soffrido por Hausmann foi tão forte que ficou quasi demente. Dias depois uns amigos levaram-n'o a um parque para ouvir musica afim de distrahil-o. Como tocassem algumas musicas allemãs, o pobre velho sentiu-se tão mal que tiveram de recolhel-o a uma casa de saude. Depois de examinado pelo facultativo, este diagnosticou que somente a emoção de ouvir a sua symphonia tocada por uma bôa orchestra poderia cural-o da apathia e especie de loucura em que estava.

Nesse interim, apresentou-se em casa de Hausmann, a mãe de Leopoldo que pedia a Elsa renunciasse ao seu filho. Como esta recusasse, poz, á occulta, um cheque de dez mil dollares sobre a mesa e retirou-se. Instantes depois, Elsa deu pelo cheque e correu apressada atraz de Mme. Ostberg para lh'o devolver. Esbarrou na escada com o Snr. Levy, que vinha da casa de saude e lhe communicou as ultimas noticias do estado de seu pae. Elsa teve então uma inspiração: os dez mil dollares do cheque poderiam servir para contractar uma orchestra para tocar a symphonia escripta por seu pae.

O Snr. Levy, incumbindo-se do negocio, foi procurar o grande maestro Alfred Hertz, que sómente á custa de um estratagema acabou por interessar-se pela obra de Hausmann.

Pouco tempo depois, realisou-se o celebre concerto, em cujo programma estava incluida a symphonia como sendo de um autor desconhecido.

Entre os muitos espectadores, estavam o compositor, levado a custo pela filha e o Snr. Levy, e toda a familia Ostberg. O programma ia sendo executado, até que tocando a vez da symphonia de Hausmann, após os primeiros trechos, este parecia sahir dum lethargo e foi se approximando do palco em que estava a orchestra. Quando o maestro Hertz soube que se tratava do autor da musica, apresentou-o ao publico e entregou-lhe a batuta para que elle dirigisse pessoalmente a orchestra.

O triumpho foi colossal e o autor foi calorosamente applaudido e festejado por todos, inclusive Mr. e Mme. Ostberg. Leopoldo, por sua vez, approximou-se do Snr. Levy e pediu-lhe que levasse as suas felicitações a Elsa, ao que o Snr. Levy redarguiu que seria melhor elle fosse apresental-as pessoalmente. Assim o fez, e, como não havia mais impecilhos para a sua ventura, os noivos ficaram em um prolongado amplexo amoroso.

O PETULANTE

(FIM)

aquella petulante e presumpção de tal modo irritantes?...

A tal ponto chega a derrota do Willowbrook, que a intervenção de Tommy é necessaria, porque um jogador tivera que sahir do jogo. Tommy exulta! Provaria, com o seu esforço, e tambem o seu arrependimento que depois affirmaria, que era digno de ser rehabilitado perante todos os que o desprezavam!

E montando o "Pronto", o seu antigo animal, e que elle na noite anterior salvara de um incendio, Tommy cavalga, faz os "pontos", com as acclamações de toda a assistencia... e o Willowbrook vence! Os paes deliram, e Polly, si nunca deixara de o amar, ainda mais o amava agora, porque verifica, feliz, que Tommy era um outro temperamento, agora modesto, simples, amoravel...

"Dois Valientes... de Garganta"

(F I M)

— Dou-lhes cem dollares por conta... e assim que vocês matarem todos os Beaglius, receberão o resto.

— Beaglius? O que é isso, pergunta Frank a Fred?

— Você nem parece que estudou zoologia, intervem Fred. Béaglius só pode ser uma raça de cachorros!

— Beaglius são cachorros, pergunta Frank a Joshua?

— Sim... e dos mais bravos!

— Então sigam-nos e poderão aprender comnosco a matarem todos esses "beaglius"!

Entretanto, em casa de Abner Beaglius todos acordaram assim que alvoreceu e puzeram-se em marcha, armados até aos dentes, em direcção á fazenda de Joshua, mas no meio do caminho encontram-se com Frank e Fred, e Abner pergunta-lhes:

— O que fazem por aqui?

— Estamos encarregados de matar todos os "beaglius"! São cachorros bravos!

— Não lhes gabo o gosto! Chamo-me Abner Beaglius! Meus filhos e eu somos bravos, mas não somos cachorros!

Fred e Frank ficam estupefactos e resolvem salvar-se daquella entaladela usando um pouco de labia.

— Vocês são sete contra dois, exclama Fred, mas neste mundo ninguem e infallivel! Quando o pão é fofo augmenta de volume e meu camarada está disposto a augmentar o peso de vocês com algumas balas!

Esta resposta desconcerta um pouco os aggressores e Frank e Fred aproveitam essa occasião para fugirem a sete pes.

— Isto vae acabar mal, diz Frank a Fred, depois de acharem um bom esconderijo.

— Mas começou bem!

— Fujamos para recomeçarmos melhor!

— Não corras, elles estão a meia legua de distancia!

— O trabalho que estamos fazendo vale mais de duzentos dollares.

E sempre correndo, Frank e Fred, chegam a uma casa que parecia pertencer a um montanhez e como estavam cansados resolveram repousar pedindo um copo com agua. Mal sabiam elles, porém, que a casa era a de Abner Beaglius.

Sem quererem, Fred e Frank foram se metter justamente na "bocca do lobo", e pouco depois entram em casa Abner Beaglius acompanhado de seus seis filhos!

— A descarga vae ser á queima-roupa, diz Fred a Frank. Prepara-te!

Como ambos se prepararam e conseguiram escapar á sanha de seus perseguidores é uma façanha que merece ser vista, e o desenlace do film apresenta-nos então a trama mysteriosa da sorte de cada personagem traçada ironicamente pela mão do Destino.

A. Cunha.

A MULHER DIVINA

(F I M)

tristeza de Lucien. E' que ás 9 horas da noite do dia seguinte tem elle que partir com o seu regimento para a Algeria.

A essa hora os dois se abraçam, loucamente apaixonados, e Lucien reconhece que sua lindu companheira está desposta a entregar-se. Não resiste á tentação, e deserta.

Marianne, no dia immediato, levando a roupa ao Theatro, encontra com Legrande e pede que lhe dê uma opportunidade de representar... Elle consente, insinuando qué espera recebêr uma recompensa... E começa por offerecer-lhe uma rica toilette de vélludo é arminho.

Ao mesmo tempo Lucien, numa casa de modas, procura comprar para Marianne um vestido. Mas o seu dinheiro não é sufficiente e, aproveitando-se do empregado estar attendendo a outro freguez, roubou o vestido.

Elle espera por Marianne com a maior ansiedade. Quando ella chega, tão lindamente vestida, elle fica desapontadissimo, e começam a discutir com calôr. Lucien diz-lhe que ella acabará amante de Legrande.

A discussão teria consequencias talvez graves para o amor do joven par se uma desgraça

E' WILLIAM HAINES SIM, COITADO!

maior não viesse separar os dois, naquelle instante.

O commerciante lesado e soldados chegam e prendem Lucien, que vae responder por dois crimes: roubo e deserção.

Os seus dois grandes erros custam-lhe cinco annos de prisão.

Emquanto isso, Marianne se affeiçôa á ribalta, seduz-se pelo luxo éstonteante do theatro e, para chegar á primeira figura da companhia, torna-se amante de Legrande.

Lucien, folheando uma revista, vê o retrato do empresario e da estrella do Theatro Legrande, juntos.

Adivinha o acontecido e aguarda a sua liberdade. Quando lhe chega, finalmente, depois dos cinco annos de torturas moraes indefiniveis, vae elle procurar a antiga namorada no theatro em que ella trabalha.

A sua chegada coincide com o triumpho culminante de Marianne. Nesta noite vae ella recebe ber o rei em seu camarim. Sua majestade espera, agradecido, a graça da grande estrella.

Mas Lucien surge imprevistamente, ameaçando matal-a. Estão os dois sós, sem testemunhas.

Ella lhe confessa tudo, lealmente, e roga que esqueça o passado que ella o acompanhara.

Interrompe-os a chegada do rei. Lucien fica escondido por detraz de uma cortina. Observa tudo, com a maior attenção. Comprehende que ella está muito habituada ao luxo, á grandeza, e que não poderá mais viver com elle. Ella precisa daquelle ambiente de conforto e de admiração.

Quando todos se retiram, Lucien despede-se della e se retira.

Ella fica acabrunhadissima. Chamada á scena, sáe, mas ainda possuida da emoção que lhe deixava a despedida de Lucien, perde-se desastrosamente.

Desce o panno. Legrande, enfurecido, diz-lhe que o contracto está terminado. Retira-lhe sua protecção, despede-a.

Marianne vae descendo gradativamente de sua ostentosa posição mundana. Vende objecto a objecto, tudo que tem. E quando reduzida á pobreza, volta á casa de Mme. Pigonier, em Montmartre.

Encontra-se outra vez com Lucien e tornam a se ligar os seus destinos numa felicidade completa e inalteravel que tem a sua continuação num pequeno rancho na America do Sul.

O. P. (Especial para *CINEARTE*)

CHRONICA

(F I M)

res utilidades como dos mais desastrosos maleficios.

Já temos nos occupado desse assumpto varias vezes e chegamos a publicar mesmo todos os dados sobre o modo porque é executado esse serviço em varios paizes.

A obra do dr. Mello Mattos só ficará completa no dia em que tivermos perfeitamente organizada a censura cinematographica.

Esperemos pelo resultado dos estudos que estão sendo actualmente feitos sobre o assumpto.

Só com o pleno conhecimento delle é que poderemos applaudir ou criticar.

Cinema Brasileiro

(F I M)

proposta do augmento do capital da empresa, para 500:000$000 (quinhentos contos de réis).

Approvado unanimente este augmento de 350 contos sobre o capital inicial, esta a Phebo apparelhada para o surto que a empresa tende a tomar com uma sincera e boa orientação, e provavelmente, doravante a companhia talvez possa reservar mensalmente qualquer quantia para photographias dos seus artistas...

E' uma insignificancia á primeira vista, mas de grande alcance.

Uma vez, em conversa, Al. Szekler, director da Universal Pictures do Brasil, declarou que estava muitissimo interessado em "Braza Dormida" somente por causa da publicidade que "Cinearte" estava fazendo.

E se "Braza Dormida" está hoje ansiosamente esperada, deve á constante propaganda desta revista, que tem feito verdadeiros milagres para não deixar de lembrar quasi semanalmente a producção da Phebo.

Apesar disso, nem ao menos a noticia da exhibição do film pela Universal, nos foi participada.

Nós, é que assim como nos interessamos pela collocação do film, não temos delle descurado, sempre indagando uma cousa e outra, sempre formulando projectos para seu lançamento.

Assim é que soubemos da assignatura do contracto, realizado no dia 20 de Setembro, pela qual a Universal Pictures do Brasil mostrará por todo o paiz, o esforço da empresa cataguazense.

Além de ser esta noticia uma das mais alvissareiras do nosso Cinema, e de mostrar a sympathia com que Al. Szekler olha pelo esforço brasileiro secundando-o, amparando-o como nenhuma outra agencia de films jamais fez, vem tambem encorajar os seus productores, garantindo a volta immediata do capital empregado, permittindo desde logo iniciar uma nova producção, e provando que a acceitação dos films brasileiros é uma realidade, desde que esteja regularisada uma boa distribuição em toda a parte.

E não só isso. Cogita o director da Universal entre nós, de lançar o film como nunca foi lançada outra producção no Brasil.

Para isso, Al. Szekler, que foi quem lançou e popularisou Gladys Walton, e outras artistas da Universal em Los Angeles, pretende proceder da mesma forma com Nita Ney e Luiz Soróa no Rio.

(Segue no proximo numero)

DE SÃO PAULO

(F I M)

propriedade: assisti "Academia de Cadetes" no Alhambra. Optima orchestra. Agora vi o mesmo film no Royal. A differença é chocante. E o film perde, indiscutivelmente, 30 % ou mais. E tanto mais para quem tenha assistido "Azas", no Sant'Anna. E não é preciso grande cousa para chegar a um accôrdo razoavel. Basta que o maestro saiba do que se trata e, á um simples signal luminoso, mude a musica. Só. Como se faz no Sant'Anna, no Republica, no Alhambra, no São Bento. E não precisa ser um conjuncto perfeito, repito. Póde ser modesto, mas deve ser agradavel. Neste caso está grande numero de orchestras em São Paulo. Talvez todas as outras. E não ha de mudar essa orientação errada, como acabo de provar?

Ha 15 dias, mais ou menos, eu assisti "Vaidade Social" no São Geraldo, nas Perdizes. Gostei do Cinema. E' moderno. Poltronas e balcões. Tem, para Cinema de arrabalde, um conforto razoavel e está-se com prazer dentro delle. Mas o que não vi lá foi publico. Pouquissimas pessôas. E ouvi dizer, de alguem que estava lá, que é sempre assim. Palavra que aquillo me entristeceu. Um Cinema tão bomzinho! Depois veio o film. Depois eu ouvi o piano, a clarineta e o violino. Depois eu vi, ouvi o Duo Max. E acabei achando que era um beneficio para aquelle bairro o Cinema fechar. Francamente! Justifica-se o medo do publico áquelle Cinema! E' lá possivel supportar films daquelle quilate, musica daquelle quilate, attracção theatral daquelle quilate? Horrivel! Horroroso Horrendo! O Cinema é bom. Póde ser, ainda, muito bem frequentado e ter bastante freguézia; com films já exhibidos mas razoaveis, com melhor musica, sem borracheiras de palco. E' por isso que éu gosto do Asturias! E será isso tão difficil? Não. Um pequeno desejo de ganhar dinheiro melhorando a mercadoria!...

Approxima-se a inauguração do Odeon. Já o visitei. Anonymo, não tive quem me mostrasse tudo e sobre qualquer cousa me desse informação. No entanto, o que vi já deixou boa impressão no meu espirito. Parece que, de facto, vae ser uma coisa grandiosa e digna do homem que é o Serrador. Sabe-se que serão dois Cinemas. Um, de preço baixo, o Cinema Azul, popular. O outro, com preços mais elevados, o Cinema Vermelho, o aristocrata. Terá, ainda, uma sorveteria-dancing e vastos salões de espera. Tudo na proporção que São Paulo actual exige. Porque, innegavelmente, no progresso em que se atira a nossa cidade, dentro em pouco, teremos cousa maior ainda. E o Odeon, agora, terminadas as suas obras, creio que será, mesmo uma das maiores casas senão á maior da America do Sul. O salão Azul e o Vermelho ainda conservam esse "rito" tolo de frizas e camarotes. Mas o Azul é bem um Capitolio em ponto menor. Casa grande, commoda, mas de estylo muito chão demais. Marca, assim, mais uma vez, o Serrador, um passo avante na sua carreira fructuosa. Apresenta o que ha de notavel em Cinematographia, dentro de casas confortaveis e agradaveis. E' um grande iniciador. Merece os mais sinceros parabens Ah! Já soube, tambem, que funccionarão, lá, um orgão moderno como dos Cinemas norte-americanos e a electrola Auditorium, que já ouvi no Sant'Anna. Novidades que não deixam de ser excellentes, tambem.

Visitei, tambem, o Paramount, na Avenida Brigadeiro Luiz Antonio. Está ainda crú demais para que se possa fazer um juizo certo, mas a gente já vê pelo esqueleto desenhado, que será um Cinema modernissimo e que terá todo o conforto que o nosso povo merece. Mas as frizas que dizem tão exigidas pelo publico paulista, fazem com que o balcão seja muito alto.

Disse o Quadros, na entrevista que deu ao "D'ario da Noite", que o inaugurará em Janeiro do anno proximo. Espero, francamente, que o Quadros o faça um dos nossos melhores Cinemas, com o que houver de mais moderno em Cinematographia. E sei que o Quadros o fará, porque, innegavelmente, elle é um homem que já tem feito o bastante para que se o julgue competente.

Para a semana, commentarei, tambem, a praga de Escolas de Cinema. Pedro Lima bem que já tem explorado este assumpto. Mas como o campo é vasto, eu não me posso esquivar de dar as minhas opiniões. E São Paulo, neste particular, é um assombro. E' o campo mais fertil onde se agitam esses espertalhões.

O São Bento exhibiu ainda, esta semana, "Scenarios da Vida", da Sterling, com Josephine Dunn, Reed Howes e Mary Carr. Ainda não o vi.

EDWIN CAREWE, DOLORES DEL RIO E FINIS FOX FORAM PASSEIAR...

O CASO DE CONWAY TEARLE

(F I M)

de "Stephen Ghent" em "Esposa por acaso", não tardaram a ser desfeitas, quando, no meio do film, achou-s mais sabio transformar o typo irregeneravel do personagem num gentleman cortez para o resto da fita.

Estes, senhores, são os factos que nos apresentam. Reunam-os todos e elles constituirão as razões visiveis a olhos nús que determinaram a relegação de Conway Tearle da tela.

Do outro lado, temos a sua enorme popularidade e a sua primorosa capacidade de artista e, é bom accrescentar, a bôa logica que, por si mesma repelle taes razões como sufficientemente poderosas para déterminarem a sua morte profissional definitiva.

Conway Tearle, é preciso que se saiba, accusa abertamente os productoress de terem tramado o seu banimento da téla, e fundamenta em testemunhos irrecusaveis a sua affirmação. E elle teve dois longos annos á sua disposição para observar os resultados da furia simultanea dos productores. Mas apenas o que ella não sabe dizer é o motivo dessa colera. Tearle concorda que não fosse um modelo como empregado; que ella costumava "exigir", quando era mais politico implorar; que se mostrava antes autoritario do que humilde. Mas tudo isso são coisas pessoaes, e não se comprehende que pudessem reflectir fóra do escriptorio administrativo, sobretudo quando hoje em dia tornou-se um habito commum as estrellas tratarem com rudeza os productores, sem que por isso sejam apunhaladas pelas costas.

Si elle soubesse exactamente em que terreno o atacavam, poderia defender-se com mais facilidade. Mas Tearle tem as mãos atadas, porque ignora e certamente ignorará sempre essa coisa. E' difficil revidar os golpes de um inimigo — e mais ainda, a sombra de um inimigo — no escuro.

Nesse periodo de ociosidade, Tearle tem-se visto intermittentemente abordado por directores, estrellas e sub-productores, a lhe manifestarem o desejo de ter os seus serviços. Manifestando-lhes a sua desconfiança de que taes propostas sejam suggeridas pelas altas personalidades das emprezas em que trabalham taes emissarios, elles protestam agir por sua propria conta. E a verdade é que, em taes casos, a alta administração tem opposto sempre o seu véto, e isso mesmo quando é um sub-productor que deseja os seus serviços e que, portanto, lhe paga os salarios. Mesmo estes, embora produzindo independentemente, acham-se politicamente na dependencia dos grandes productores e têm de sujeitar-se aos seus ditames. E ainda estes eram os espiritos mais altivos, porque outros ha que se mostraram submissos ás ordens do alto e não se arriscam a entrar em contacto com o reprobo.

Mas mesmo apezar da hydra que o feriu no escuro, atirando-o fóra da téla, a sua popularidade junto dos "fans" tem custado a morrer. O seu correio, actualmente, depois de dois annos de ausencia, monta á medi'a de cem cartas por dia. Dir-se-ia que as suas interpretações intelligentes e delicadas — embora em papeis e films mediocres — estão sobrevivendo, na lembrança do publico, a varios outros cometas que tem brilhado evanescentemente atraves os horizontes do film.

Mas não é de suppôr — houvesse mesmo de se realizar o improvavel, e applacassem as divindades do célluloide as suas iras — que Conway Tearle volte a ter o mesmo interesse pelo Cinema — um interesse tão violentamente sacrificado.

Tearle manifestava ha pouco a sua opinião sem reservas, e com um humorismo que não seria de esperar nas circumstancias em que elle se encontra. Declara ser intenção sua voltar ao palco do theatro, visto que é preciso fazer alguma coisa para restaurar patrimonio da familia. O fracasso do Cinema deve ter-lhe sido uma bôa lição, pensa elle, para lhe indicar que não devia ter outras aspirações fóra do theatro, que é o seu legitimo dominio, pois é ali que sua familia vem mantendo um nome famoso desde 1712.

"Eu me acreditava outr'ora um actor aproveitavel, diz elle. Hoje estou longe dessa confiança, e teria de appellar para a minha coragem si quizesse reconquistar a antiga confiança em mim mesmo. Si o fizer e conseguir terei grande satisfação de me encontrar de novo num meio onde me recommendo pelo meu trabalho e não pelo talhe do meu smoking.

Admirei-me sempre da tolerancia do resignado publico com relação á minha pessoa. Não posso comprehender como elle me supportava, quando foi sempre de nauseas a impressão que senti as vezes em que contemplava o meu proprio rosto na téla, a exprimir num ar digno de piedade emoções de moço bem vestido.

"Salvo o facto de resentir eu, com toda a colera do meu máu genio chronico, o que considero uma inaudita injustiça praticada contra mim e que, homem de negocio entre homens de negocios denuncio como falta de ethica; a não ser isso, repito, não vejo razão para lamentar particularmente que a minha carreira cinematographica tenha sido definitivamente encerrada.

"Nunca tive o privilegio de me vêr identificado num grande film, e jámais me coube por sorte um papel soffrivelmente intelligente. Quando me foram buscar ao palco para a tela, foi certamente muita ingenuidade minha acreditar que fosse por me considerarem um excellente actor.

(Termina no fim do numero)

O SACRIFICIO

(Continuação)

Duas lagrimas inundaram os meigos olhos da infeliz noivinha. E ella quiz ser franca. Procurou desilludir aquelle homem, dizendo-lhe:

— Sr. Marshe, se casei comsigo foi para fazer a vontade a minha mãe, mas mandei que lhe fosse dito que eu não o amo!

— Não importa — respondeu o millionario. — Amar-me-á, algum dia.

— E' impossivel! Amo outro homem!

Ao fazer esta revelação, Dot julgou-se perdida. Era a declaração brutal de que engánara aquelle homem, casando-se com elle. E por certo, isso lhe custaria caro! O marido, repudiado logo em seguida á cerimonia nupcial, tornaria publica a repulsa e requereria o divorcio, immediatamente. Seria um escandalo innominavel.

Nada houve, porém, de anormal! Marshe não tinha brios. A' declaração da esposa, limitou-se a retrucar, brandamente:

— Não faz mal! Com o tempo, esquecel-o-a!

E deixou-a em paz, para que socegasse.

No dia seguinte, Dot, Marshe, Mme. Gordon, Lord Vane e Lamont achavam-se a bordo de um transatlantico, em viagem para a America do Norte. A lua de mel seria passada a bordo e, depois, Marshe fixaria residencia na terra de Tio Sam. Esse sonho, entretanto, não se realizou. Logo no inicio da viagem, o vapor chocou-se com outro, em alto

(Termina no proximo numero)

O silencio eterno

(FIM)

Resolveram partir. Não o fariam sem que dissessem toda a verdade a Sheila. Jack contou tudo á moça, narrou-lhe a scena terrivel que se desenrolára ali mesmo, naquella cabana. Elle e o amigo não eram responsaveis pela morte de McKay, obra apenas da fatalidade. Sheila ouviu-o, as lagrimas desceram-lhe pelas faces lindas, mas não consentiu que Jack a abandonasse. Amava o rapaz e perdoava-lhe.

Decidido a não ser um entrave á felicidade de Jack, Colby procurou o delegado, entregando-se á prisão. A autordade não tinha razões para prendel-o. Abrira um inquerito reservado em torno da morte de McKay e constatára a innocencia dos dois amigos. Nessa prova, auxiliara-o o Dr. Bugle, o medico, o homem que só ganhava dinheiro quando tinham balas a extrahir do corpo dos habitantes de Rawson.

E Colby partiu, partiu para sempre, deixando Jack e Sheila entregues ao seu amor e á sua felicidade.

H. MELLO

10 — X — 1928

DEPARTAMENTO DO REFUGO POSTAL

Uma secção cuja necessidade é evidente, acaba de ser creada no Correio Geral pela subdirectoria do Trafego, é o Departamento do Refugo Postal que nos é communicado pela seguinte nota expedida do gabinete do Sr. Dr. Francisco Pereira Lessa:

"Vivamente interessada, a actual Sub-Directoria do Trafego Postal, em que todo e qualquer objecto confiado ao nosso Correio, destinado ao nosso paiz, e particularmente, á Capital da Republica, seja entregue a quem de direito (ao legitimo destinatario), tratou, desde logo, esta Divisão da Directoria Geral dos Correios, de organizar o Compartimento do "Refugo Postal" de accôrdo com os naturaes interesses do publico.

Para isso, foi esse Compartimento installado, na sobreloja, lado direito, do edificio do Correio Geral, e onde se encontram todos os objectos (livros, jornaes, revistas, etc., etc.), destinados a pessoas residentes no Rio de Janeiro, mas que, por motivos varios (endereço incompleto, falta de endereço, rotulos cahidos ou rasgados, etc., etc.) deixam de ser entregues, normalmente, e muitas vezes, definitivamente, ao destinatario. Vão para o Refugo, semelhantes objectos, condemnados, ás mais das vezes, á inutilisação, ao fim de certo tempo, como é sabido.

Entretanto, já esta Sub-Directoria tem verificado que muitos e muitos de taes objectos ainda podem chegar ás mãos do destinatario, desde que este tenha conhecimento de que póde procurar o que lhe pertence, no "Departamento do Refugo Postal, ou dirigindo-se mesmo a este Gabinete; o que, até agora, era mais ou menos ignorado ou deslembrado pelo grande publico servido pelo nosso Correio, sempre tão accusado de faltas, e nem sempre com isenção de animo e inteira justiça."

AGUA OU CREME DE JUNQUILHO

Os unicos productos de belleza que até hoje têm dado resultados desejados para branquear e avelludar a cutis

Leiam O PARA TODOS

O caso de Conway Tearle

(FIM)

Sabe Deus que não o foi pelos meus bonitos olhos. Mas essa presumpçosa illusão desvaneceu-se bem depressa, ante a procissão ininterrupta do unico genero de papeis que me proporcionaram — gentleman da téla com um vasto guarda-roupa".

Que Tearle seja um actor de primeira classe, não ha, entre os que tiveram a opportunidade de vel-o no papel de "Armand", da peça "Cimelle", de Ethel Barrymore, quem possa duvidar. Agora, Conway pensa estabelecer em Londres o centro da sua actividade, embora isso represente o abandono da sua vida tranquilla e encantadora vivenda de Hollywood.

Antes disso, não só para attender a prementes necessidades pecuniarias como para se habituar de novo á luz da ribalta, elle projectou uma "tournée" de exhibição pessoal nos palcos de Cinemas, isso apezar do pouco prazer que lhe causa se vêr transformado numa especie de prologo de film.

N. da R.: — Depois deste artigo escripto, Conway Tearle já foi chamado a trabalhar em dous films.

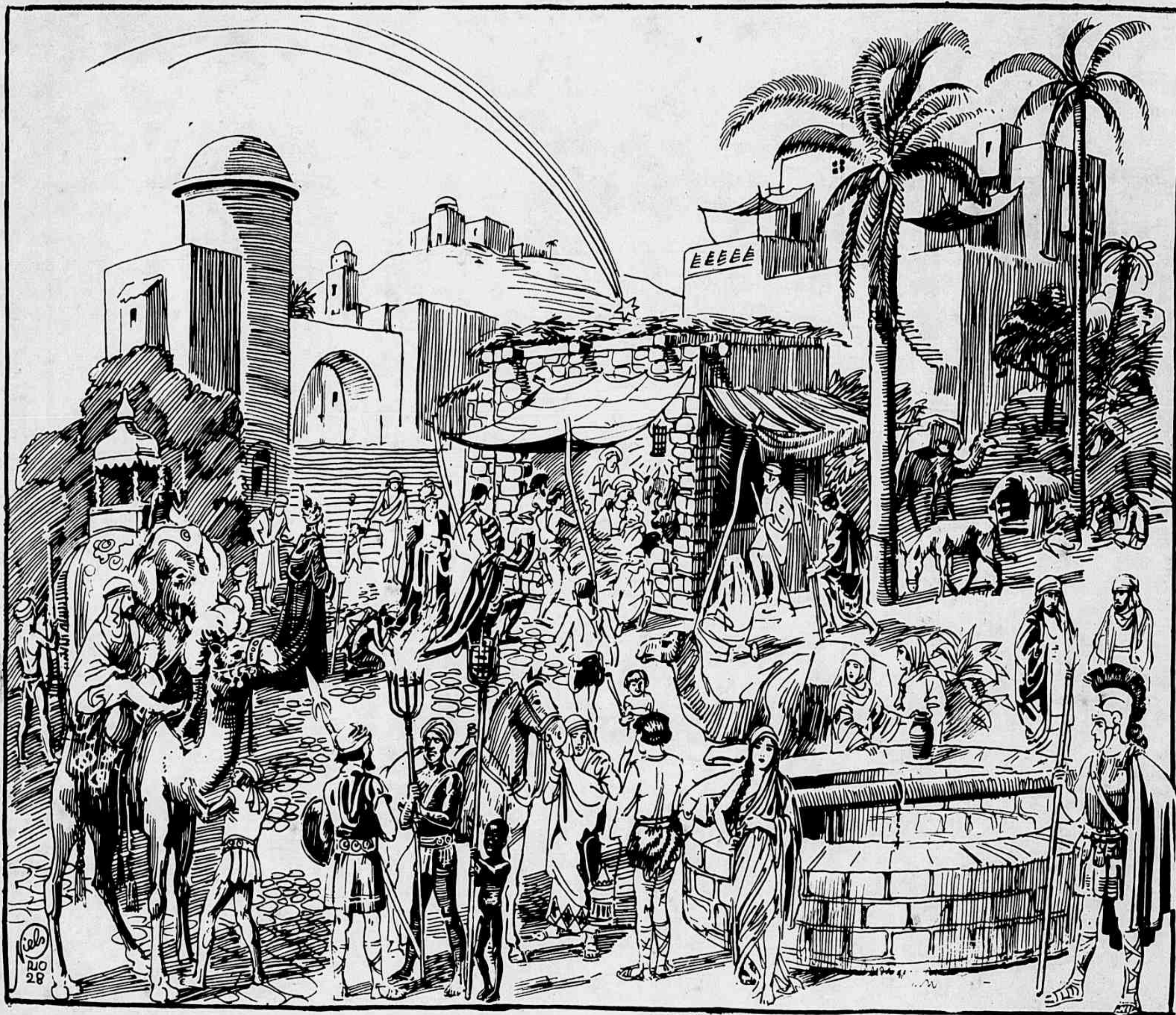
A FILHA DO CZAR

(Continuação)

por todos os póros. A industria cinematographica desenvolve-se inesperadamente. Procura collocação num dos "Studios" de Hollywood. Entra como "extra" e dentro de mezes chama sobre si a attenção de toda a gente do "metier". Vencerá um toda a linha.

Quem melhor do que elle poderia reconstituir a grande tragedia dos Romanoff? Ninguem. Pois se elle vivera esses transes dolorosos que jámais se apagarão da memoria dos homens.

Victor começa, então, a colher elementos e accessorios para poder iniciar a filmagem do romance que terá como protagonista "A Filha do Czar". E' preciso fazer a selecção dos typos para a interpretação o mais approximada possivel das personalidades que foram victimas ou toma-

(Termina no proximo numero)

A gravura acima reproduz o monumental presepe de Natal que está sendo publicado n'"O Tico-Tico," a querida revista dos meninos.

Esse lindo presepe é concepção de habil artista que conhece a fundo os usos e costumes da Judéa. E, bem colorido como está, constitue uma verdadeira maravilha.

Os meninos que desejarem conhecer o presepe de Natal antes de publicado totalmente n'"O Tico-Tico," poderão visital-o na "Casa Pratt," rua do Ouvidor, 123/125; ou na "Casa Nunes," rua da Carioca, 65 e 67; ou no saguão da "Associação dos Empregados no Commercio," na Avenida Rio Branco; ou no "Parc Royal," no Largo de S. Francisco; ou na "Casa Guiomar," Avenida Passos, 120.

OFFICINAS GRAPHICAS D'O MALHO